

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) WEVERTTON KRAUSS SANTOS

**O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA (2022–2025):
Efeitos sobre combatentes e civis**

Rio de Janeiro

2025

CC (FN) WEVERTTON KRAUSS SANTOS

**O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA (2022–2025):
Efeitos sobre combatentes e civis**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM-1) Pace

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2025

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde, resiliência e serenidade ao longo desta caminhada. Em cada desafio superado, reconheço a Sua presença me guiando e fortalecendo.

À minha esposa, Monique, por ser meu porto seguro nos momentos de tempestade e calma. Pela paciência diante das minhas ausências, pelo apoio incondicional e por sustentar nossa família com tanto amor e coragem enquanto eu me dedicava a esta etapa. Esta conquista também é sua.

Às minhas filhas, Júlia e Melissa, que com seus abraços sinceros e olhares puros iluminaram meus dias mais difíceis. O simples fato de ser pai de vocês me impulsiona a ser melhor, sempre.

Ao Capitão de Mar e Guerra Pace, meu orientador, pela escuta atenta, pelas orientações firmes e respeitadas e por acreditar no potencial desta pesquisa desde o início. Sua condução segura foi decisiva para que este trabalho ganhasse forma e profundidade.

A todos que, de alguma forma, contribuíram com palavras, gestos, tempo ou incentivo ao longo deste percurso, meus mais sinceros agradecimentos.

Por fim, aos amigos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores 2025, pela parceria construída ao longo de intensos meses de estudo, pelas conversas sinceras e pelo apoio nos momentos de dificuldade. Ter dividido esta jornada com vocês tornou tudo mais leve e significativo.

RESUMO

A presente dissertação investiga os impactos cognitivos e comportamentais provocados pelas ações empreendidas pela Rússia, entre 2022 e 2025, no contexto da Guerra Híbrida travada contra a Ucrânia. A pesquisa concentra-se nos efeitos gerados sobre o fator humano, tanto em civis quanto em combatentes, por meio da exploração deliberada do domínio social. A fundamentação teórica apoia-se nos conceitos de Guerra Híbrida, conforme desenvolvidos por Frank Hoffman, pelo MCDC e pelo Hybrid CoE, e em referenciais da Psicologia Comportamental, Cognitiva e Social. A partir da análise de eventos como a passaportização compulsória, a mudança de conduta da população de Kharkiv diante dos bombardeios, a imposição da identidade russa nos territórios ocupados, a manipulação da opinião pública russa e a desumanização dos ucranianos, identificou-se a produção sistemática de efeitos comportamentais e cognitivos mediante o uso coordenado dos instrumentos de poder russo. Os dados coletados incluem documentos oficiais, relatórios internacionais, artigos jornalísticos e evidências sobre o comportamento de populações afetadas. A análise evidencia que ações típicas de uma Guerra Híbrida resultaram na reconfiguração de percepções, reforço de crenças disfuncionais, conformidade social, desindividualização e internalização de novas identidades. A relevância do estudo reside em oferecer subsídios para a compreensão de como os conflitos contemporâneos moldam o comportamento humano, fornecendo elementos que podem orientar análises estratégicas no âmbito da Marinha do Brasil, relacionadas à capacitação do pessoal para ameaças complexas típicas de uma Guerra Híbrida.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Psicologia. Comportamento. Cognição. Fator humano. Rússia. Ucrânia. Domínio social. Desinformação.

ABSTRACT

Russia-Ukraine Conflict (2022-2025): Effects on combatants and civilians

This dissertation investigates the cognitive and behavioral impacts caused by the actions undertaken by Russia between 2022 and 2025 in the context of the Hybrid War waged against Ukraine. The research focuses on the effects generated on the human factor, both in civilians and combatants, through the deliberate exploitation of the social domain. The theoretical foundation is based on the concepts of Hybrid Warfare, as developed by Frank Hoffman, MCDC, and Hybrid CoE, and on references from Behavioral, Cognitive, and Social Psychology. Based on the analysis of events such as compulsory passportization, the change in the behavior of the population of Kharkiv in reaction to the bombings, the imposition of Russian identity in the occupied territories, the manipulation of Russian public opinion, and the dehumanization of Ukrainians, the systematic production of cognitive and behavioral effects through the coordinated use of Russian instruments of power was identified. The data collected includes official documents, international reports, media articles, and evidence on the behavior of affected populations. The analysis shows that typical actions of a Hybrid War resulted in the reconfiguration of perceptions, reinforcement of dysfunctional beliefs, social conformity, deindividuation, and internalization of new identities. The relevance of the study lies in offering theoretical and empirical support for understanding how contemporary conflicts shape human behavior, providing elements that can guide strategic analyses within the Brazilian Navy related to training personnel for complex threats typical of a Hybrid War.

Keywords: Hybrid Warfare. Psychology. Behavior. Cognition. Human factor. Russia. Ukraine. Social domain. Disinformation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Hybrid CoE	–	<i>European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats</i>
HRW	–	<i>Human Rights Watch</i>
MB	–	Marinha do Brasil
MCDC	–	<i>Multinational Capability Development Campaign</i>
ONU	–	Organização das Nações Unidas
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
UE	–	União Europeia
URSS	–	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	A EVOLUÇÃO DO ENTENDIMENTO SOBRE A GUERRA HÍBRIDA	10
2.2	CONCEITOS DA PSICOLOGIA APLICÁVEIS AO CONFLITO	14
2.2.1	Psicologia Comportamental	14
2.2.2	Psicologia Cognitiva	17
2.2.2.1	<i>Esquemas</i>	17
2.2.2.2	<i>Aspectos cognitivos da desinformação</i>	18
2.2.3	Psicologia Social	19
2.2.3.1	<i>Conformidade</i>	19
2.2.3.2	<i>Dissonância cognitiva</i>	20
2.2.3.3	<i>Transferência de responsabilidade por obediência à autoridade</i>	21
2.2.3.4	<i>Estereótipos e relações ingroup / outgroup</i>	22
2.2.3.5	<i>Desindividualização</i>	22
3	ANTECEDENTES E DINÂMICAS DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA	23
3.1	ANTECEDENTES	23
3.2	CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA (2022 A 2025)	26
4	EFEITOS DO CONFLITO SOBRE COMBATENTES E CIVIS	29
4.1	PASSAPORTIZAÇÃO	29
4.2	BOMBARDEIO EM KARKIV	31
4.3	IMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE RUSSA	32
4.4	MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA RUSSA	35
4.5	DESUMANIZAÇÃO DOS UCRANIANOS	40
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, os conflitos armados acompanham a história humana, evoluindo de batalhas entre tribos para guerras entre impérios, passando pela formação de Estados e pela consolidação do sistema de soberania estatal, especialmente a partir do século XVII, com o Tratado de Westfália. Ao longo dos séculos, as guerras se transformaram em seus modos de condução, tipos de atores envolvidos e meios empregados, incorporando avanços tecnológicos, táticos e estratégicos. Confrontos centrados em Estados e forças regulares evoluíram para formas assimétricas, incorporando grupos não estatais, táticas irregulares e ações em domínios não militares, como o informacional, econômico e social (Keegan, 1994). Nas últimas décadas, emergiu o conceito de Guerra Híbrida, que descreve conflitos que integram, de forma coordenada, instrumentos convencionais e não convencionais para produzir efeitos simultâneos em múltiplos domínios. Ao longo desse processo, o fator humano passou a ser considerado uma variável relevante nas disputas políticas e estratégicas, tornando-se um dos focos das operações contemporâneas.

O Conflito Rússia-Ucrânia¹, iniciado em 2022, apresenta aspectos compatíveis com o modelo conceitual de Guerra Híbrida, devido ao emprego coordenado de diferentes instrumentos do poder nacional russo em múltiplos domínios, dentre outras características (Roth *et al.*, 2024). Diante desse cenário, esta pesquisa tem por propósito compreender como determinadas ações, dentro de um contexto de Guerra Híbrida, podem incidir sobre o fator humano, modificando comportamentos e processos mentais, com foco no emprego dos instrumentos de poder da Rússia no conflito contra a Ucrânia, entre 2022 e 2025. Para atingir esse propósito, o seguinte problema de pesquisa orienta esse estudo: as ações realizadas pela Rússia, dentro do contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, entre 2022 e 2025, resultaram em efeitos no domínio social, mais especificamente, em impactos cognitivos e comportamentais sobre o fator humano?

A delimitação do objeto centrou-se nas ações empreendidas pela Rússia, no contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, entre os anos de 2022 e 2025, sobre o domínio social, com foco exclusivo nos efeitos gerados sobre civis e combatentes, e restringiu-se aos impactos cognitivos e comportamentais decorrentes dessas ações. Excluíram-

¹ O presente trabalho, doravante, utilizará a expressão Conflito Rússia-Ucrânia para se referir ao conflito entre Rússia e Ucrânia iniciado em 2022.

se, portanto, os efeitos de natureza exclusivamente política, militar, econômica, infraestrutural ou informacional, bem como os impactos psicológicos traumáticos.

A relevância deste estudo está na possibilidade de ampliar a compreensão dos efeitos de conflitos armados contemporâneos sobre civis e combatentes, especialmente aqueles com potencial para influenciar no alcance dos objetivos políticos e estratégicos. Considerando a crescente exploração do domínio social nos confrontos interestatais, a análise dos impactos sobre o comportamento e a cognição dos indivíduos pode contribuir para o aperfeiçoamento doutrinário e operacional da Marinha do Brasil (MB), que estabeleceu como uma de suas prioridades estratégicas a compreensão de seu papel na Guerra Híbrida (Brasil, 2023) e prevê em um de seus programas estratégicos a capacitação adequada de seu pessoal para prover à Força capacidade de enfrentar os desafios complexos atuais (Brasil, 2020). Assim, o conhecimento sistematizado desses efeitos pode subsidiar ações voltadas à capacitação do seu pessoal para atuação nos ambientes operacionais complexos de Guerras Híbridas, onde o fator humano é suscetível à exploração por atores adversos.

O desenho metodológico adotado foi o exploratório, baseado no modelo de comparação entre teoria e realidade. A pesquisa foi bibliográfica e documental, com análise qualitativa dos dados. A partir de conceitos extraídos da literatura especializada em Guerra Híbrida e em Psicologia, selecionaram-se evidências documentadas por instituições e fontes jornalísticas sobre impactos no comportamento e cognição no contexto do conflito. A análise foi orientada pelas vertentes comportamental, cognitiva e social da Psicologia, cujos princípios foram aplicados à interpretação dos dados coletados, com o objetivo de compreender a natureza dos efeitos e possíveis relações entre ações executadas pela Rússia e suas consequências sobre o fator humano.

A estrutura do trabalho foi organizada em cinco capítulos. Após esta introdução, o segundo capítulo apresentará o referencial teórico, com ênfase nas características da Guerra Híbrida e nos fundamentos das vertentes da Psicologia selecionadas. O terceiro descreverá os aspectos históricos e geopolíticos do Conflito Rússia-Ucrânia para contextualizar as ações observadas. O quarto analisará as evidências coletadas, confrontando-as com os conceitos teóricos para interpretar os impactos observados sobre o fator humano. O quinto e último capítulo apresentará as considerações finais, sintetizando as evidências mais significativas, respondendo à questão de pesquisa, apontando limitações e sugerindo possibilidades de aprofundamento futuro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo se propõe a apresentar o referencial teórico que fundamentará a análise das ações desenvolvidas no Conflito Rússia-Ucrânia, no período de 2022 e 2025, com ênfase naquelas que produziram impactos sobre o fator humano. Inicialmente, será realizada uma breve exposição sobre a evolução conceitual da Guerra Híbrida, a fim de compreendermos algumas de suas principais características. Em seguida, apresentaremos alguns conceitos teóricos oriundos da Psicologia, com ênfase nas vertentes cognitiva, comportamental e social, para traçarmos um modelo teórico que nos ajude a compreender como tais efeitos foram gerados.

Espera-se que, ao final deste capítulo, tenhamos o entendimento de que a Guerra Híbrida atua por meio da produção de efeitos em múltiplos domínios, inclusive o social, para alcançar objetivos políticos e estratégicos. Considerando-se que o foco dessa pesquisa está centrado no domínio social, com especial atenção ao fator humano, pretende-se, ainda, evidenciar que a forma como as pessoas percebem, interpretam e reagem ao mundo pode ser alterada, direcionada e manipulada.

2.1 A EVOLUÇÃO DO ENTENDIMENTO SOBRE A GUERRA HÍBRIDA

O estudo a ser realizado por essa pesquisa pressupõe a existência de uma forma nova de se fazer guerra, conhecida, atualmente, como Guerra Híbrida, para assim buscarmos entender como esse novo modelo pode estar impactando combatentes e civis. Estabeleceremos como marco inicial dessa pesquisa os estudos realizados por Frank Hoffman², realizados, em parceria com James Mattis, em 2005, quando escreveram o artigo *Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars*, no qual apresentaram uma análise prospectiva sobre o futuro dos conflitos armados.

Nesse artigo, apesar de anteverem um novo modelo de guerra chamado Guerra Híbrida, os autores não estabeleceram uma definição. Hoffman e Mattis (2005) argumentaram que a distinção tradicional entre guerra convencional e guerra irregular estava se tornando obsoleta, pois os conflitos do futuro seriam uma inovadora fusão

² O Tenente-Coronel Frank Hoffman, Fuzileiro Naval dos Estados Unidos da América é um analista de assuntos de segurança nacional com mais de 30 anos de experiência. Atualmente, é Pesquisador no Centro de Ameaças e Oportunidades Emergentes do Comando de Desenvolvimento de Combate do Corpo de Fuzileiros Navais, Quantico, Virgínia (U.S. Naval Institute, c2025).

de diferentes modos e meios de guerra. Os autores destacaram uma nova possibilidade de conflito armado que combinava operações de guerra convencionais com operações de paz, humanitárias e contra Forças Irregulares, permeadas por aspectos psicológicos e informacionais.

Em 2007, Frank Hoffman desenvolveu melhor o conceito e descreveu a Guerra Híbrida como aquela que mescla “uma gama de diferentes formas de guerra incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas, incluindo violência e coerção indiscriminadas, e desordem criminosa”³ (Hoffman, 2007, p. 29, tradução nossa), utilizadas, no mesmo campo de batalha, para alcançar efeitos sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas, bem como em todos os níveis de condução da guerra, político, estratégico, operacional e tático. Hoffman (2007) utiliza conhecimentos trazidos por Qiao e Wang⁴, para estabelecer três princípios essenciais de uma Guerra Híbrida: omnidirecionalidade⁵, no qual todos os domínios tradicionais (terra, mar, ar e espaço) e outros como políticos, econômicos, culturais e morais devem ser considerados como campos de batalha; sincronia, no qual as ações nos diferentes domínios são realizadas no mesmo período de tempo; e assimetria, não apenas relacionada à utilização de forças, mas em todos os aspectos da guerra, como meios, métodos e táticas. O autor conclui que o sucesso em conflitos do futuro dependerá cada vez menos de impor a sua vontade e mais de moldar o comportamento de aliados, oponentes e, principalmente, as populações.

Segundo Giannopoulos, Smith e Theocharidou (2021), Hoffman desenvolveu seus conceitos com foco na utilização de Guerra Híbrida por atores não-estatais, como Hezbollah e Al Qaeda, em um contexto de conflitos de baixa intensidade e, de fato, esses conceitos sofreram uma evolução ao longo do tempo.

Entre 2015 e 2018, a *Multinational Capability Development Campaign* (MCDC)⁶ desenvolveu um projeto chamado *Countering Hybrid Warfare* para ajudar na compreensão, na detecção e no enfrentamento à Guerra Híbrida. O projeto definiu a

³ Do original, em inglês: “a range of different modes of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate violence and coercion, and criminal disorder”.

⁴ Qiao Liang e Wang Xiangsui são coronéis da Força Aérea do Exército de Libertação Popular da China e autores do livro *Unrestricted Warfare*, no qual apresentam o conceito de Guerra Irrestrita (Hoffman, 2007).

⁵ Omnidirecional - que se move e se propaga em todas as direções (Michaelis, 2025).

⁶ A Multinational Capability Development Campaign (MCDC) é uma iniciativa liderada pelos Estados Unidos da América, com participação da OTAN, União Europeia e outros países aliados, concebida para desenvolver e analisar, coletivamente, conceitos e capacidades para enfrentar os desafios associados à condução de operações conjuntas, multinacionais e de coalizão (NATO, 2023).

Guerra Híbrida como “o uso sincronizado de múltiplos instrumentos de poder projetado para vulnerabilidades específicas em todo o espectro das funções sociais, a fim de alcançar efeitos sinérgicos”⁷ (Cullen; Reichborn-Kjennerud, 2017, p. 8, tradução nossa). A MCDC estabeleceu que a Guerra Híbrida possui caráter assimétrico e utiliza os instrumentos de poder militar, político, econômico, civil e informação, de forma coordenada, variando na intensidade de cada um e na sincronização entre eles, para explorar vulnerabilidades nos domínios político, militar, econômico, social, informacional e infraestrutural, potencializando os efeitos das ações. Segundo a MCDC, utilizando-se de criatividade e ambiguidade, é possível atingir efeitos sinérgicos no campo cognitivo, degradando a resiliência social e a determinação do defensor em responder (Cullen; Reichborn-Kjennerud, 2017).

A presente pesquisa é motivada, sobretudo, pela forma como a Guerra Híbrida incide sobre o campo cognitivo e comportamental. As implicações decorrentes desse fenômeno serão analisadas no capítulo quatro.

Outra organização de relevância internacional relacionada ao assunto é o *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats* (Hybrid CoE)⁸. Instituído em 2017, com o propósito de fortalecer Estados e organizações participantes na prevenção e combate às Ameaças Híbridas, elabora conceitos estratégicos, recomendações e conhecimento especializado, através da publicação de uma ampla gama de artigos, e desenvolve capacidades estratégicas e operacionais de seus membros por meio da formação de profissionais e da realização de exercícios práticos. O Hybrid CoE caracteriza as Ameaças Híbridas como o uso combinado, por um ator hostil, de múltiplas ferramentas⁹ coordenadas e sincronizadas, mantendo-se abaixo dos limites da detecção e atribuição de responsabilidade, para explorar as vulnerabilidades de Estados e instituições democráticas em diferentes domínios e manipular as suas diferentes formas de tomada de decisão, promovendo, assim, os seus objetivos políticos e estratégicos (Giannopoulos; Smith; Theocharidou, 2021).

⁷ Do original, em inglês: the synchronized use of multiple instruments of power tailored to specific vulnerabilities across the full spectrum of societal functions to achieve synergistic effects.

⁸ O European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats (Centro Europeu de Excelência para o Combate às Ameaças Híbridas) foi estabelecido em abril de 2017 em Helsinque, Finlândia, como um centro internacional e autônomo voltado ao combate às ameaças híbridas, com a participação de 36 países, UE e OTAN.

⁹ A expressão “ferramentas”, traduzida da palavra em inglês “tools”, refere-se, no contexto do Hybrid CoE, a um determinado tipo de ação realizada para gerar um efeito em um domínio. Ex: Operações contra infraestrutura, investimento estrangeiro direto e ciberspionagem (Giannopoulos; Smith; Theocharidou, 2021).

Para o Hybrid CoE, as Ameaças Híbridas se desenvolvem por meio de três fases distintas: Preparação; Desestabilização; e Coerção. Essas fases representam uma escalada progressiva das ações hostis, que podem ser implementadas por meio de quatro tipos principais de atividades: interferência, influência, operações e guerra. Para confundir a percepção sobre a situação e ocultar os objetivos reais, as Ameaças Híbridas podem ser escaladas ou desescaladas tanto verticalmente, mediante alteração na intensidade das ferramentas já empregadas, quanto horizontalmente, por meio da diversificação delas. Conforme ocorre uma escalada, as Ameaças Híbridas passam de uma fase para outra, podendo chegar à Coerção (Giannopoulos; Smith; Theocharidou, 2021).

Na fase de Preparação, o objetivo principal é criar condições favoráveis para ações futuras, por meio da identificação de vulnerabilidades e estabelecimento de meios de influência sobre o alvo. Em seguida, a fase de Desestabilização visa provocar instabilidade política, econômica e social, empregando ferramentas como propaganda, desinformação, ciberataques, sanções seletivas e operações psicológicas, buscando minar a confiança da sociedade e das instituições estatais (Giannopoulos; Smith; Theocharidou, 2021).

A última fase, denominada Coerção, nível mais alto de escalada das Ameaças Híbridas, é caracterizada pelo uso direto ou indireto da força, e corresponde, segundo o Hybrid CoE, à Guerra Híbrida. Nesse estágio, ocorre a transição de ações ambíguas para um estado de guerra propriamente dito, com combinação de operações militares ostensivas e dissimuladas, medidas políticas e econômicas, operações de informação e desinformação, ciberataques, terrorismo e outros instrumentos coercitivos. A natureza do conflito, portanto, é transformada para um estado de guerra, mantendo, entretanto, suas características híbridas (Giannopoulos; Smith; Theocharidou, 2021).

Para os fins desta pesquisa, todas as fases citadas serão consideradas como parte da Guerra Híbrida. Assim, pela linha de raciocínio estabelecida, percebemos que Guerra Híbrida envolve o emprego sincronizado de múltiplos instrumentos de poder, Militar, Político, Econômico, Civil e Informação, buscando sinergia para explorar vulnerabilidades e gerar efeitos em múltiplos domínios, político, militar, econômico, social, informacional e infraestrutural, com consequente desestabilização ou manipulação dos interesses de Estados ou instituições. A presente pesquisa focará em estudar especificamente os efeitos gerados pela Guerra Híbrida no domínio social, particularmente, sobre o fator humano.

2.2 CONCEITOS DA PSICOLOGIA APLICÁVEIS AO CONFLITO

A escolha da Psicologia como um recurso para a análise dos efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia sobre combatentes e civis fundamenta-se no fato de que a guerra, além de ser um fenômeno político e militar, como afirmava Clausewitz (1993), é, também, um fenômeno humano, como defende Keegan (1994), envolvendo aspectos culturais e sociais. Atinge, assim, a esfera das emoções, cognições e comportamentos individuais e coletivos.

Embora áreas como a Ciência Política, Geografia, História e Economia forneçam análises geopolíticas e econômicas relevantes sobre as dinâmicas da guerra, a Psicologia é capaz de investigar como os indivíduos alteram seus comportamentos em resposta a estímulos específicos impostos por um conflito armado, interpretam cognitivamente as situações, sentem os impactos psicológicos da violência e da propaganda e agem sob pressão de normas sociais ou de lideranças autoritárias.

Como a Psicologia é uma ciência muito ampla e com diversos ramos, foram selecionados aqueles com teorias mais orientadas para a explicação dos efeitos a serem apresentados no capítulo quatro, refletindo uma metodologia orientada à compreensão do comportamento humano em contextos de uma guerra híbrida, fundamentada nos pressupostos da Psicologia Comportamental, da Psicologia Cognitiva e da Psicologia Social. Cada vertente proporciona contribuições distintas e complementares para o entendimento dos fenômenos psicológicos observados em combatentes e civis, no cenário do Conflito Rússia-Ucrânia. Desse modo, os conceitos teóricos da Psicologia a serem apresentados permitirão a análise dos efeitos da guerra tanto em comportamentos observáveis quanto em processos mentais, como crenças, percepções e motivações, que influenciam as respostas individuais e coletivas diante das experiências vivenciadas em um conflito armado.

A seguir serão apresentados esses ramos e suas contribuições para entendimento dos fenômenos analisados nesta pesquisa.

2.2.1 Psicologia Comportamental ou Behaviorismo

Formulado por John B. Watson em 1913, a Psicologia Comportamental é um ramo que se dedica ao estudo científico do comportamento observável, focando na

relação entre estímulo e resposta, hábitos condicionados e reações fisiológicas (VandenBos, 2015). Watson demonstrou, por meio de seus experimentos, como o do bebê Albert¹⁰, que o comportamento humano pode ser explicado através de suas interações com o meio ambiente. Watson propôs que comportamentos podem ser previstos, modificados e controlados a partir da manipulação de estímulos externos. Concluiu que ao associar repetidamente um estímulo neutro a um outro estímulo que naturalmente provoca uma resposta específica, o estímulo neutro passa a provocar essa resposta comportamental (Collin *et al.*, 2012).

Já B. F. Skinner (1965) promoveu uma evolução da Psicologia Comportamental tradicional, introduzindo o conceito de Comportamento Operante. Por meio de seus experimentos, como o experimento do pombo¹¹ e a caixa de Skinner¹², “concluiu que os animais são condicionados pelas respostas que recebem por suas ações” (Collin *et al.*, 2012). Skinner (1965) propôs, então, que um determinado comportamento produz um efeito no ambiente, o qual, por sua vez, gera consequências, positivas ou negativas, que são percebidas pelo indivíduo, interferindo diretamente na probabilidade de recorrência desse comportamento. Assim, o autor concluiu que o comportamento humano pode ser modelado gradativamente, por meio de reforços e punições sucessivos, que aumentam ou diminuem a frequência de uma resposta até que se atinja um comportamento final desejado.

Essa lógica de modificação de comportamentos individuais também se aplica ao nível coletivo. Skinner (1965) afirma que mudanças nas práticas de um grupo constituem formas de modelamento do comportamento operante coletivo e seguem os mesmos princípios relacionados ao comportamento individual. As mudanças culturais decorrem de práticas que surgem ou são alteradas em função das consequências que produzem para o grupo, sendo, então, compostas por múltiplos

¹⁰ Para provar empiricamente sua tese, Watson realizou o experimento com o bebê Albert. Inicialmente, Albert não demonstrava medo de ratos brancos. Watson passou, então, a apresentar o rato branco junto com um barulho assustador. Após algumas associações, Albert passou a demonstrar medo do rato, mesmo na ausência do ruído, ou seja, um estímulo neutro (o rato) tornou-se capaz de evocar uma resposta emocional (medo) por meio do condicionamento (Collin *et al.*, 2012).

¹¹ Em seu experimento, para ensinar um pombo a girar em torno de si mesmo, Skinner inicialmente reforçou qualquer movimento de cabeça na direção certa. Depois, reforçou movimentos mais amplos até chegar ao giro completo (Collin *et al.*, 2012).

¹² A Caixa de Skinner é um dispositivo experimental desenvolvido por B. F. Skinner para estudar o comportamento operante. No experimento, um rato foi colocado dentro de uma caixa equipada com uma alavanca, que, ao ser acionada, liberava uma recompensa, geralmente comida, ou gerava / interrompia um estímulo aversivo, como um choque ou luz intensa. Ao observar que determinada ação gerava uma consequência favorável (ou desfavorável), o animal passava a repetir (ou evitar) esse comportamento (Collin *et al.*, 2012).

comportamentos individuais regidos pelo mesmo mecanismo de reforço. Para Skinner (1965), costumes, instituições sociais, sistemas legais, rituais religiosos ou estruturas políticas não são mantidos necessariamente por possuírem um valor intrínseco ou moral absoluto, mas, porque, ao longo do tempo, demonstraram ser funcionais para assegurar ordem social, maior eficiência produtiva, segurança coletiva e a sobrevivência do grupo. O autor ressaltou que o comportamento de um grupo pode ser visto como um sistema dinâmico que é moldado gradualmente, de forma análoga à modelagem do comportamento individual. Assim, em um contexto social, quando o comportamento de um indivíduo é reforçado, essa consequência positiva atua como um estímulo para os demais membros do grupo a alterarem o seu comportamento.

Dessa forma, a Psicologia Comportamental oferece duas abordagens centrais para modelagens de comportamentos: o condicionamento clássico, baseado na associação de estímulos; e o condicionamento operante, baseado na manipulação das consequências das ações (VandenBos, 2015). Essa teoria explica como os comportamentos são adquiridos, mantidos ou modificados em função das interações do indivíduo com o ambiente e, particularmente, o condicionamento operante será ferramenta importante na compreensão de posturas adotadas pela população civil ucraniana em cidades bombardeadas e ocupadas por tropas russas.

Cabe, porém, ressaltar como o behaviorismo se relaciona e, principalmente, como se diferencia do instinto de sobrevivência. Segundo Silva (2024), instinto de sobrevivência representa um conjunto de respostas inatas, naturais e biológicas, que surgem de forma rápida e automática, em situações de ameaça à vida, com o propósito de escapar do perigo e preservar a integridade física. Ou seja, tais comportamentos não requerem aprendizado ou experiência prévia, estando presentes desde o nascimento e sendo ativados automaticamente diante de ameaças. Por outro lado, na abordagem behaviorista, especialmente na formulação de B. F. Skinner, o foco não está nos comportamentos inatos, mas sim naqueles moldados por meio de estímulos gerados pela interação do indivíduo com o ambiente. Estes serão o foco da presente pesquisa.

Estando exposta a teoria comportamental e sua importância para a compreensão do comportamento humano no Conflito Rússia-Ucrânia, será apresentado, adiante, um outro campo da psicologia que também possui grande relevância para o estudo em questão.

2.2.2 Psicologia Cognitiva

Cognição refere-se a todas as formas de conhecimento e consciência, como percepção, atenção, memória, linguagem, raciocínio, julgamento e pensamento. Portanto, a Psicologia Cognitiva é um ramo da psicologia focado nos processos mentais internos e que explora esse componente da mente através de inferências relacionadas ao comportamento (VandenBos, 2015). Abordaremos a seguir os conceitos que serão relevantes para o estudo do nosso objeto.

2.2.2.1 Esquemas

Um dos principais teóricos da Psicologia Cognitiva, Ulric Gustav Neisser (2014) estabeleceu importantes fundamentos desse novo campo ao buscar entender como os indivíduos selecionam, organizam, interpretam e armazenam informações do ambiente e como elas refletem em seu comportamento futuro. Neisser (2014) afirma que as percepções, visuais ou auditivas, são interpretadas e armazenadas conforme estruturas cognitivas chamadas esquemas, que funcionam como moldes mentais que guiam a percepção, a compreensão e a memória, influenciando como processamos e gravamos novas informações e como recordamos experiências passadas.

Um dos pioneiros nos estudos sobre a teoria da memória, Frederic Bartlett (1995), por meio de experimentos como *The War of the Ghosts*, demonstrou que as recordações são reorganizadas com base nos esquemas que são moldados por suas experiências sociais e culturais. O autor observou que os participantes do experimento distorciam aspectos originais de uma história para adequá-los a seus próprios contextos culturais, concluindo que os esquemas atuam como filtros cognitivos que influenciam tanto o armazenamento quanto a recuperação da memória.

O esquema usado para a recordação pode acrescentar, omitir ou reorganizar detalhes de acordo com a estrutura atual do conhecimento do indivíduo. A memória não é um depósito fiel de informações e está sujeita a distorções, sendo um processo de reconstrução ativa, no qual o conteúdo é reorganizado conforme o contexto atual. Esses esquemas não são fixos ou estáticos, são construções cognitivas dinâmicas que podem ser manipuladas e alteradas continuamente durante o processo de assimilação de novas informações (Neisser, 2014; Rumelhart, 1980).

2.2.2.2 Aspectos cognitivos da desinformação

Segundo Heather Wolters *et al.* (2021), a desinformação atua, principalmente, no campo cognitivo, explorando vulnerabilidades inerentes ao funcionamento mental humano. Sua eficácia decorre da exploração de mecanismos psicológicos, acionados em situações de exposição a conteúdos informacionais em ambientes saturados. Entre os principais processos envolvidos na assimilação da desinformação, destacam-se a atenção seletiva, o raciocínio automático, a aprendizagem implícita e o efeito da verdade ilusória. O estudo desses aspectos cognitivos ajuda a compreender como determinados conteúdos, mesmo quando falsos ou manipulados, podem ser percebidos como verdadeiros, sendo relevante para o entendimento das estratégias informacionais adotadas pela Rússia no contexto do conflito contra a Ucrânia.

Michael W. Eysenck e Mark T. Keane (2015), outros importantes teóricos da Psicologia Cognitiva, ampliaram o entendimento sobre os processos mentais ao integrar estudos experimentais e evidências neurocientíficas sobre atenção, memória, raciocínio, julgamento e tomada de decisão. Os autores abordam a atenção como um sistema de capacidade restrita que permite ao ser humano selecionar e processar certas informações, enquanto ignora outras, funcionando como um filtro entre o grande volume de estímulos do ambiente e a capacidade limitada do sistema cognitivo.

Quando ocorre uma sobrecarga informacional, a habilidade de processar atentamente essas informações é comprometida, afetando a seleção de informações relevantes. O cérebro, então, toma atalhos mentais para incorporar novas informações. Os autores incorporam à análise a teoria do Processamento Duplo, segundo a qual o raciocínio humano opera por dois sistemas distintos: o Sistema 1, caracterizado por ser rápido, automático, intuitivo e de baixo esforço cognitivo; e o Sistema Tipo 2, lento e analítico, demandando maior esforço cognitivo (Eysenck; Keane, 2015). De acordo com Gordon Pennycook e David Rand (2021), em um contexto de saturação de informações, com uma alta carga cognitiva e, conseqüente, limitação da atenção, há uma seleção de informações com predominância do Sistema 1, favorecendo a aceitação acrítica de conteúdos, aumentando a vulnerabilidade a desinformações.

Eysenck e Keane (2015) estabeleceram, também, o conceito de aprendizagem implícita, descrito como um processo de assimilação de informações através de repetições e exposições contínuas. Mesmo sem a consciência explícita do aprendizado, o resultado é uma memória que orienta o comportamento de forma

automática e inconsciente. A repetição de estímulos aumenta sua naturalidade de processamento, o que leva as pessoas a julgá-los como mais familiares e verdadeiros. É um efeito implícito, pois a pessoa não precisa lembrar do estímulo para sentir familiaridade. Com base nesse conceito, Dechêne *et al.* (2010) descreve o fenômeno do efeito da verdade ilusória, no qual a exposição a uma repetição de informações falsas gera a sensação de informação verdadeira, pois a familiaridade decorrente da repetição aumenta a percepção subjetiva de veracidade, criando uma crença, mesmo na ausência de evidências.

A Psicologia Cognitiva demonstra que a assimilação da desinformação prospera ao explorar limitações naturais do funcionamento cognitivo humano, como o uso predominante de raciocínio automático, influência de vieses e vulnerabilidades da memória. Veremos que existem outros elementos que colaboram para a propagação e permanência da desinformação, conhecido na psicologia como conformidade e dissonância cognitiva. Esses conceitos serão abordados no próximo subitem, por estarem mais relacionados aos aspectos da Psicologia Social.

Dessa forma, conclui-se que o estudo da teoria da Psicologia Cognitiva contribui para a compreensão integrada dos impactos cognitivos e comportamentais vivenciados por combatentes e civis em contextos de guerra híbrida, como o conflito entre Rússia e Ucrânia. Processos como percepção, atenção, memória e julgamento são afetados pela sobrecarga informacional e pela manipulação, típicos desse tipo de conflito, resultando em alterações na interpretação da realidade, na tomada de decisão e nas ações e reações de combatentes e civis.

2.2.3 Psicologia Social

Psicologia Social é o ramo da Psicologia que estuda como os pensamentos, sentimentos e ações das pessoas são afetados pela presença de outros indivíduos. Ela investiga os processos pelos quais as pessoas são influenciadas pelo ambiente social e pelos outros membros de seu grupo (Aronson, E.; Aronson, J., 2018).

2.2.3.1 Conformidade

Um dos conceitos centrais desse ramo, apresentado por Elliot Aronson e Joshua Aronson (2018), é o da conformidade, entendido como a tendência do

indivíduo a ajustar suas percepções, opiniões e comportamentos para alinhar-se às normas do grupo. Por meio da análise de experimentos clássicos, como o de Solomon Asch¹³, os autores estabeleceram que, mesmo diante de evidências perceptivas contrárias, muitos indivíduos preferem acompanhar o julgamento da maioria, evitando o desconforto da divergência. Essa dinâmica demonstrou a conformidade por influência normativa, que ocorre tanto como uma estratégia de aceitação social quanto um mecanismo adaptativo¹⁴. Há, ainda, segundo os autores, um segundo tipo de conformidade que ocorre por influência informacional, quando outras pessoas são percebidas como especialistas ou mais bem informadas, aceitando-se essa opinião como evidência da realidade. Corroborando com a teoria descrita acima, Robert B. Cialdini (2021), afirmou que, para obtermos a aprovação social, tendemos a seguir o comportamento das massas, especialmente em situações de incerteza.

A conformidade, portanto, contribui efetivamente para o processo da disseminação da desinformação, abordada no subitem anterior. Influências normativas, que buscam aceitação grupal, e informacionais, baseadas na percepção de credibilidade de terceiros, podem levar indivíduos a internalizar informações sem avaliação crítica (Aronson; Pratkanis, 2001). O conceito de conformidade será importante, também, para compreendermos a modelagem de comportamentos dos ucranianos em regiões ocupadas e de soldados russos no conflito.

2.2.3.2 *Dissonância cognitiva*

A teoria da dissonância cognitiva, proposta por Leon Festinger (1957) e ampliada por Elliot Aronson (1969), descreve um processo psicológico pelo qual indivíduos experimentam desconforto mental ao manterem simultaneamente duas ou mais crenças conflitantes, como informações, crenças ou comportamentos que se contradizem. Para reduzir essa dissonância, o indivíduo tende a modificar as

¹³ No experimento, um participante real era colocado em um grupo junto com várias outras pessoas, que, na verdade, eram cúmplices do pesquisador. O grupo recebia uma tarefa simples: comparar o comprimento de linhas em duas fichas e identificar qual delas era igual. Em certas rodadas, os cúmplices, previamente instruídos, davam respostas claramente erradas. O resultado mostrou que muitos participantes cederam à pressão do grupo e concordaram com a resposta errada na maioria das ocasiões, evidenciando o poder da influência social direta sobre o julgamento individual (Aronson, E.; Aronson, J., 2018).

¹⁴ Refere-se à ideia de que a tendência de os seres humanos se ajustarem às normas e expectativas do grupo tem uma função evolutiva e de sobrevivência. Não é apenas uma fraqueza ou um defeito individual, mas um comportamento que ajudou os seres humanos a prosperarem em grupos sociais (Aronson, E.; Aronson, J., 2018).

cognições, reinterpretar os fatos ou racionalizar suas ações, de modo a restaurar uma sensação de coerência interna. Elliot Aronson e Joshua Aronson (2018) afirmaram, ainda, que esses princípios não se restringem ao âmbito individual, sendo instrumentalizados por grupos e regimes para fins de manipulação em larga escala. A teoria, nesse sentido, revela como estruturas sociais podem se apoiar em mecanismos psicológicos internos para promover adesão ideológica e resistência à mudança, mesmo diante de informações objetivamente conflitantes.

Heather Wolters *et al.* (2021) concluem que a dissonância cognitiva contribui para a desinformação ao influenciar a forma como os indivíduos processam informações conflitantes com suas crenças prévias. Assim, as pessoas tendem a reduzir o desconforto psicológico resultante rejeitando ou ignorando a nova informação, desqualificando sua importância ou valorizando ainda mais as ideias com as quais já concordam. A partir do momento em que uma desinformação se consolida como uma crença, há, portanto, uma resistência à mudança e correção. O conceito de dissonância cognitiva é importante pois oferece uma explicação técnica para a rejeição de evidências verdadeiras, mesmo as de fontes confiáveis, o que ajuda a entender a eficácia e persistência da desinformação no Conflito Rússia-Ucrânia.

2.2.3.3 *Transferência de responsabilidade por obediência à autoridade*

Outro conceito relevante na Psicologia Social é o da obediência à autoridade. Experimentos como o de Stanley Milgram¹⁵ demonstraram que pessoas comuns podem realizar ações moralmente questionáveis quando submetidas a ordens de figuras de autoridade legitimadas, mesmo indo contra seus valores morais internos, pois há um deslocamento da responsabilidade moral para a autoridade e uma consequente diminuição dos freios éticos individuais (Aronson, E.; Aronson, J., 2018). Esse fenômeno revela a força das estruturas hierárquicas e a disposição humana de delegar a responsabilidade às lideranças.

¹⁵ O experimento de Stanley Milgram, descrito por Elliot Aronson, investigou a obediência à autoridade. Participantes foram instruídos a aplicar choques elétricos crescentes em um indivíduo, o qual, na verdade, era um ajudante do pesquisador, sempre que ele errasse respostas em um teste de memorização. Embora o ajudante simulasse gritos de dor e pedisse para parar, o pesquisador ordenava aos participantes que continuassem. Muitos obedeceram até níveis potencialmente letais de choque. O estudo demonstrou que pessoas comuns podem realizar atos contrários aos seus valores morais quando obedecem a uma figura de autoridade legítima, revelando o poder da obediência sobre a consciência individual (Aronson, E.; Aronson, J., 2018).

2.2.3.4 Estereótipos e relações ingroup / outgroup

A Psicologia Social também aborda a análise dos preconceitos e estereótipos, compreendidos como generalizações sobre grupos sociais, que influenciam percepções e atitudes. Os seres humanos possuem uma tendência natural a identificar-se com o *ingroup* (grupos internos dos quais fazem parte) e a diferenciar-se ou afastar-se do *outgroup* (grupos externos). Essa identificação, ao mesmo tempo que fortalece o sentimento de pertencimento, solidariedade e lealdade no *ingroup*, podem gerar desconfiança, preconceito ou hostilidade em relação aos membros do *outgroup*, atribuindo-lhes características negativas ou estereotipadas, uma vez que as normas e valores do *ingroup* moldam as atitudes e comportamentos de seus membros (Aronson, E.; Aronson, J., 2018).

2.2.3.5 Desindividualização

A desindividualização é um estado psicológico no qual os indivíduos, inseridos em grupos ou multidões, tornam-se menos conscientes de si mesmos como pessoas distintas e responsáveis. Segundo Elliot Aronson e Joshua Aronson (2018), esse fenômeno ocorre quando certos contextos, como a presença de um grande grupo, reduzem a autoconsciência e inibem os controles internos, levando os indivíduos a agirem de forma impulsiva, irracional ou mesmo antissocial. Nessas circunstâncias, a atenção do indivíduo é desviada de padrões morais e sociais internalizados, sendo substituída pelas normas do grupo. Elliot Aronson e Joshua Aronson (2018) mencionam que a desindividualização aumenta a probabilidade de comportamentos extremos, como agressividade e vandalismo, os quais dificilmente ocorreriam em situações nas quais o indivíduo se percebe como responsável isolado por suas ações. A desindividualização, portanto, demonstra como o ambiente social pode suspender inibições pessoais e favorecer condutas que transgridem as normas.

Os conceitos da Psicologia Social revelam a complexidade das influências sociais sobre o indivíduo, integrando dimensões cognitivas e comportamentais em processos como conformidade, obediência e dissonância cognitiva. Tal abordagem oferece uma estrutura abrangente para compreender as dinâmicas coletivas, fornecendo subsídios teóricos importantes na análise dos impactos da Guerra Híbrida sobre combatentes e civis.

3 ANTECEDENTES E DINÂMICAS DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA

Este capítulo descreve eventos que ajudam no entendimento das tensões persistentes entre Rússia e Ucrânia. O objetivo é oferecer uma base contextual que contribua para a compreensão da origem, da evolução e das especificidades do Conflito Rússia-Ucrânia. Ao longo do capítulo, abordaremos elementos históricos que moldaram as identidades nacionais russa e ucraniana, como os períodos de unificação e fragmentação territorial, as influências externas e os ciclos de dominação política e militar. Retrataremos a ocupação da Crimeia pela Rússia em 2014, com foco nas implicações para a deflagração do conflito em 2022. Por fim, apresentaremos uma visão geral do Conflito Rússia-Ucrânia, entre 2022 e 2025.

Dessa forma, este capítulo apresenta uma exposição sucinta do conflito armado entre Rússia e Ucrânia, com ênfase nos elementos históricos e geopolíticos que moldaram o ambiente no qual se insere o objeto desta pesquisa. Seu propósito não é esgotar os desdobramentos do conflito, mas oferecer o contexto necessário para a compreensão das evidências que serão analisadas no capítulo quatro.

3.1 ANTECEDENTES

O conflito entre a Rússia e a Ucrânia tem origens em fatores históricos, étnicos e geopolíticos que remontam à época em que Kiev, hoje capital da Ucrânia, era o centro da Rússia de Kiev, uma entidade política eslava oriental estabelecida no século IX, sendo o ponto de origem das tradições políticas, religiosas e culturais tanto da Rússia como da Ucrânia (Kaplan, 2012). Entre os séculos IX e XII, a Rússia de Kiev expandiu seu território ao longo de suas rotas fluviais, do Mar Báltico ao Mar Negro. Entretanto, tal expansão gerou uma subdivisão de suas terras em principados autônomos¹⁶, o que, em razão da descentralização política, o enfraqueceu e o expôs a invasões externas (Martin, 2007).

Essa vulnerabilidade permitiu que, no século XIII, o Império Mongol invadisse a Rússia de Kiev, destruísse diversas cidades e submetesse os principados ao seu domínio. A invasão mongol acelerou e solidificou o processo de separação dos povos

¹⁶ Principados autônomos são unidades políticas descentralizadas, cada uma governada por seu próprio príncipe e dotada de autonomia administrativa, militar e econômica. No caso da Rússia de Kiev, os principados compartilhavam laços culturais e religiosos e, em alguns casos, reconheciam simbolicamente a primazia de Kiev (Martin, 2007).

eslavos orientais em três ramos principais: russos, que se estabeleceram mais a nordeste, próximo ao rio Moscou, onde consolidaram o Principado de Moscou, núcleo do que se tornaria, mais tarde, em 1721, o Império Russo; ucranianos, que se mantiveram na região do Principado de Kiev e principados mais próximos ao Mar Negro; e bielorrussos¹⁷, que se estabeleceram a norte do Principado de Kiev (Conant, 2023; Kaplan, 2012).

Entre os séculos XIII e XVI, a região da atual Ucrânia passou pelo domínio Mongol e da Lituânia, retornando aos domínios da Rússia. No século XVII, a região entrou novamente em disputa, em virtude da guerra contra a Polônia-Lituânia. Ao término do conflito, a região foi dividida em duas porções, sendo uma oriental, sob controle russo, e outra ocidental, sob controle polonês. Somente um século depois, a região voltou a ficar sob controle russo, assim permanecendo até o século XX. Em 1921, foi integrada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como uma república federada, embora sem autonomia real. Somente em 1991, com o colapso e o desmantelamento da URSS, a Ucrânia, cuja capital havia sido o centro político da Rússia de Kiev, finalmente, tornou-se independente (Conant, 2023; Kaplan, 2012).

Todo esse histórico de disputas territoriais e sucessivas mudanças de dominação criou divisões socioculturais duradouras na Ucrânia, a qual possui, conforme destaca Kaplan (2012), uma região oriental habitada por uma população majoritariamente pró-Rússia, que, inclusive, utiliza o idioma russo, e uma região ocidental com uma identidade nacional ucraniana mais acentuada. Pelo lado russo, segundo o autor, a recorrência dos ciclos de expansão e colapso e a atual configuração de suas fronteiras tornaram a fronteira um elemento central na formulação das estratégias nacionais e a Ucrânia uma parte de um projeto voltado ao restabelecimento de uma esfera de influência sobre os vizinhos imediato, cuja integração ao seu território ampliará a presença estratégica da nação russa na Europa.

Para Lawrence Freedman¹⁸ (2019), o período compreendido entre 1991 e 2010 foi decisivo para a construção das tensões que, anos mais tarde, culminariam na crise da Crimeia e, posteriormente, no conflito iniciado em 2022. Segundo o autor, com o

¹⁷ Bielorrússia não será abordada mais detalhadamente, por não acrescentar dados relevantes para os fins desta pesquisa.

¹⁸ Lawrence D. Freedman é Professor Emérito de Estudos de Guerra no King's College London e, também, é revisor de trabalhos sobre assuntos militares, científicos e tecnológicos da Foreign Affairs (Foreign Affairs, c2025)

colapso da URSS e independência da Ucrânia em 1991, foi iniciado um processo de afirmação de soberania e redefinição da identidade nacional ucranianas.

De acordo com Dmitri Trenin¹⁹ (2011), ao longo dessas duas décadas, a Ucrânia se tornou palco de uma disputa geopolítica constante entre o Ocidente e a Rússia. Internamente, consolidou-se uma divisão sociopolítica: a região ocidental, mais alinhada com os valores europeus e ocidentais, onde havia maior apoio à integração com a União Europeia (UE) e com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); e a região oriental, onde se mantinham laços culturais mais estreitos com a Rússia. Nesse período, intensificou-se na Rússia a percepção de que a aproximação da Ucrânia com instituições ocidentais representava uma ameaça direta à sua segurança nacional. Para o autor, essa percepção moldou, de forma decisiva, a formulação das estratégias russas em relação à Ucrânia nos anos subsequentes.

Em 2010, Viktor Yanukovych, um político de orientação pró-Rússia, assumiu a presidência da Ucrânia. Assim, as relações com a Rússia melhoraram e uma possível adesão à OTAN deixou de ser considerada. Porém, em 2011, Yanukovych, para desenvolver a economia ucraniana, manifestou que assinaria um Acordo de Associação com a UE, o que fortaleceria os laços econômicos e políticos. No final de 2013, após pressão exercida pelo governo russo, Yanukovych desistiu de assinar o acordo, dando início a uma ampla mobilização social e manifestações pelo país. Em resposta, o governo adotou medidas repressivas, limitou a liberdade de expressão e de manifestação e recorreu ao uso da força, resultando em dezenas de mortes em confrontos, prisões arbitrárias e perseguições contra opositores (Freedman, 2019).

O parlamento, então, votou pelo *impeachment* do presidente, que fugiu para a Rússia. Poucos dias depois, forças militares russas ocuparam militarmente a Crimeia e parlamentares da península designaram Sergey Aksyonov, líder de um partido pró-Rússia, como Primeiro-Ministro da Crimeia. O parlamento, sob ocupação russa, votou e aprovou a separação da Crimeia em relação à Ucrânia e anexação à Rússia. Para legitimar a decisão, foi convocado um referendo popular, realizado sob ocupação militar, cujo resultado favorável à anexação foi amplamente contestado pela comunidade internacional. Após assinatura de um tratado entre o governo da Crimeia

¹⁹ Dmitri Trenin é um ex-militar russo e membro do Instituto Internacional para Estudos Estratégicos em Londres. Foi o primeiro oficial não pertencente à OTAN selecionado como pesquisador sênior pela Escola de Defesa da OTAN em Roma. Foi diretor do Carnegie Moscow Center, um *Think Tank* russo. (Geneva Center for Security Policy, [20--]).

e o governo russo, a península foi formalmente integrada à Federação Russa, sendo, essa anexação, recebida com apoio popular dentro da Rússia (Britannica, 2025a).

Essa ocupação estimulou a deflagração de uma crise no leste da Ucrânia, na fronteira com a Rússia, onde há expressiva população russófona. Em abril de 2014, um grupo armado, utilizando uniformes sem insígnias ou identificações, tomou instalações governamentais e separatistas pró-Rússia, com apoio logístico, militar e financeiro de Moscou, e proclamaram Donetsk e Luhansk, região conhecida como Donbas, como repúblicas autônomas. Contudo, dessa vez, o governo ucraniano reagiu com uma operação militar para restaurar o controle sobre o território, iniciando um conflito armado que se estendeu por anos, com milhares de mortos, feridos e civis deslocados (Britannica, 2025a; Brasil, 2022; BBC, 2014).

3.2 CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA (2022 A 2025)

A fase mais recente do Conflito Rússia-Ucrânia teve início em 24 de fevereiro de 2022, quando o presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou uma Operação Militar Especial, por meio da qual deu início a uma invasão em larga escala ao território ucraniano. Por meio de discursos oficiais e propaganda estatais, alegou como justificativas a necessidade de desmilitarização e a desnazificação da Ucrânia, somadas à necessidade de defender os seus próprios interesses de segurança nacional diante da expansão da OTAN para o leste, além de libertar a região de Donbas, em conflito desde 2014, proteger os direitos da população de etnia russa e prevenir o genocídio, acusando o governo ucraniano de perseguir russófonos, especialmente, no leste da Ucrânia (Walker, 2025; Britannica, 2025b).

Nos primeiros dias, as forças militares russas atacaram em múltiplas frentes, avançando pelo Norte, a partir da Bielorrússia, pelo Leste, a partir da região de Donbas, e pelo Sul, via Crimeia. Cidades como Kharkiv, Mariupol e Kiev sofreram bombardeios sistemáticos, resultando em milhares de vítimas civis e deslocamentos forçados. Esses ataques foram precedidos por ataques cibernéticos coordenados, com o objetivo de paralisar as comunicações, redes elétricas e sistemas de comando e controle ucranianos (Walker, 2025). Adicionalmente, paramilitares do Grupo Wagner²⁰

²⁰ Grupo Wagner é uma empresa militar privada russa que possui laços com as estruturas militares e de inteligência russas. Em 2023, Wladimir Putin afirmou que a manutenção do grupo foi totalmente assegurada pelo Estado (Britannica, 2025b).

foram enviados pelo governo russo a Kiev com o propósito de eliminar membros importantes do governo ucraniano, porém, sem sucesso (Britannica, 2025b).

Dessa forma, evidencia-se o caráter híbrido da guerra empreendida pela Rússia, ao empregar de forma integrada e simultânea atores estatais, como as forças militares, e não estatais, como o Grupo Wagner, operações irregulares, ações cibernéticas e guerra informacional com desinformações, buscando uma sinergia entre os múltiplos instrumentos do poder russo para explorar as vulnerabilidades da Ucrânia e a alcançar seu objetivo político.

Ainda segundo a Encyclopedia Britannica (2025b), civis ucranianos passaram a se deslocar para países vizinhos, gerando uma grande crise humanitária na Europa. A Encyclopedia Britannica (2025b) relata, ainda, que em pouco mais de um mês após o início do conflito, cerca de quatro milhões de ucranianos já tinham se retirado da região conflituosa e que aqueles que se mantiveram em territórios ocupados vivenciaram tropas russas conduzindo uma campanha generalizada de violência contra as populações civis.

Nos primeiros meses do conflito, a resistência ucraniana retardou e conteve o avanço russo, graças à combinação de ações militares e apoio da população (Walker, 2025). Civis ucranianos assumiram papel ativo na resistência, colocando barricadas de pneus, sacos de areia e tratores nas ruas principais para dificultar a movimentação de tropas russas, bem como o fornecimento de apoio logístico, incluindo alimentos, transporte e primeiros socorros, e campanhas de resistência digital, como ataques cibernéticos contra sites governamentais russos. Também foram formadas milícias civis, que passaram a realizar ataques aos comboios blindados e às tropas russas, utilizando táticas de guerrilha. Essas ações contribuíram significativamente para o fortalecimento da identidade nacional ucraniana (Pankhurst, 2022; Zeno *et al.*, 2023).

UE, Reino Unido e Estados Unidos da América intensificaram o envio de armamentos, munições e assistência financeira à Ucrânia, ao mesmo tempo em que ampliaram as sanções econômicas que haviam sido impostas à Rússia, após a anexação da Crimeia em 2014. Ainda em março, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou uma resolução condenando a invasão e exigindo a retirada imediata das tropas russas e a Corte Internacional de Justiça ordenou a suspensão imediata das operações militares russas, decisão ignorada pelo governo russo (Walker, 2025). Nesse período, as operações psicológicas foram amplamente empregadas por ambos os lados. Tanto a Rússia quanto a Ucrânia tentaram

“influenciar seu público-alvo, de modo a moldar suas percepções e modificar suas atitudes e comportamentos” (Brasil, 2022, p. 38). A Rússia passou, então, a adotar uma campanha militar baseada em táticas de desgaste psicológico, incluindo bombardeios sistemáticos de infraestruturas civis para provocar desabastecimento, esgotamento moral e pressões sociais internas na Ucrânia (Brasil, 2022). Em maio, a cidade de Mariupol foi destruída após meses de cerco, e denúncias de crimes de guerra aumentaram, incluindo ataques deliberados contra civis (Walker, 2025).

A partir do segundo semestre de 2022, a Ucrânia reforçou suas capacidades militares, por meio do recebimento de armamentos e treinamento internacionais, o que fortaleceu seu poder de combate e contribuiu para uma recuperação gradual e parcial dos territórios ocupados (Walker, 2025). Posteriormente, observou-se a estabilização das linhas de frente, sem alterações territoriais significativas (Roth *et al.*, 2024).

Em 2023, o conflito manteve a combinação de campanhas convencionais, operações cibernéticas e ações de desinformação. O apoio ocidental se intensificou, com o fornecimento de blindados, mísseis de longo alcance e a implementação de programas de treinamento militar. Em contrapartida, a Rússia buscou aprofundar suas alianças com países como Bielorrússia, Irã, Coreia do Norte e China, visando apoio militar e político (Walker, 2025).

Por fim, ao longo de 2024 e 2025, o conflito entrou em uma fase de estagnação das frentes de combate, sem que se alcançasse uma resolução. A Ucrânia reforçou seus esforços diplomáticos para aderir à UE e à OTAN, enquanto a Rússia consolidou sua presença nas regiões ocupadas, promovendo eleições presidenciais nos territórios anexados, cuja legitimidade foi contestada pela comunidade internacional (Britannica, 2025b). No plano diplomático, diversas tentativas de mediação não obtiveram êxito em estabelecer um cessar-fogo duradouro, em razão da divergência das demandas entre as partes. Enquanto a Ucrânia exige retirada completa das tropas russas e reintegração dos territórios ocupados, a Rússia condiciona qualquer acordo à legitimação das regiões anexadas e ao comprometimento formal da Ucrânia com a neutralidade em relação à OTAN (Walker, 2025).

Isto posto, o próximo capítulo se concentrará em descrever os impactos do emprego dos múltiplos instrumentos de poder russo sobre combatentes e civis ucranianos e russos, dentro do contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, com foco nas alterações cognitivas e comportamentais.

4 EFEITOS DO CONFLITO SOBRE COMBATENTES E CIVIS

Este capítulo apresenta as evidências coletadas provenientes do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, relatado no capítulo anterior. A exploração de efeitos no domínio social para alcance dos objetivos teve diversos impactos sobre o fator humano em ambos os lados do conflito, afetando combatentes e civis. Desde o início da guerra, em 2022, relatos e estudos documentaram diversos efeitos comportamentais e cognitivos decorrentes da violência física, da desinformação e outras ações.

Dessa forma, este capítulo evidencia que ações realizadas pelos instrumentos de poder da Rússia resultaram em efeitos no domínio social, mais especificamente, em impactos cognitivos e comportamentais sobre o fator humano, dentro contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, entre 2022 e 2025. Assim, será apresentada uma análise da realidade observada no objeto de pesquisa à luz de conceitos da psicologia comportamental, cognitiva e social vistos no capítulo dois.

4.1 PASSAPORTIZAÇÃO

Em contextos de ocupação e repressão por uma potência ocupante, o comportamento da população civil pode ser moldado através de reforços e punições, conforme teorizado por Skinner.

Helen Sullivan (2023), relatou em uma matéria para o *The Guardian*, que a Rússia havia emitido cerca de 1,5 milhão de passaportes russos para pessoas que moram nas cidades ocupadas de Luhansk, Donetsk, Kherson e Zaporizhzhia, entre outubro de 2022 e maio de 2023. Segundo a autora, após as invasões, a Rússia aprovou leis relevantes que permitem aos residentes renunciarem à sua cidadania ucraniana e às autoridades locais deterem ou deportarem residentes sem passaportes russos. Civis ucranianos passaram, então, a sofrer intimidações para que aceitem cidadania russa, sob pena de perda de acesso a serviços básicos, detenção e deportação para regiões remotas da Rússia, e, desde julho de 2024, residentes sem cidadania russa são considerados estrangeiros ou apátridas. Para Sullivan, essa tática visa destruir a identidade ucraniana local e forçar uma aparente lealdade à Rússia.

É possível compreender essas medidas como parte de um processo de modelagem de condutas coletivas por meio da coerção estatal, caracterizando um cenário de condicionamento operante, segundo o modelo proposto por Skinner. Nesse

contexto, a emissão forçada de passaportes russos nos territórios ocupados, combinada com a ameaça explícita de punições severas àqueles que se recusassem a aceitar a nova cidadania, funcionou como uma ferramenta de controle comportamental.

O comportamento desejado pelo poder ocupante, conforme Sullivan afirmou, era a aceitação formal da cidadania russa, a fim de criar uma aparente lealdade política e diluir a identidade ucraniana local. Para isso, os residentes foram submetidos a um sistema de reforços: ao adquirir o passaporte russo, os indivíduos removiam estímulos aversivos, como a possibilidade de detenção, deportação ou perda de acesso a serviços essenciais, como saúde e educação. Esse alívio imediato da pressão, mesmo que às custas da renúncia simbólica à própria nacionalidade, configura um reforço, conforme o modelo de Skinner, pois aumenta a probabilidade de aceitação da nova cidadania, por meio da eliminação de estímulos aversivos.

Paralelamente, a recusa em aceitar o passaporte russo resultou em punições diretas e explícitas, como a perda do direito à liberdade de circulação, sanções administrativas, a deportação forçada para áreas remotas da Rússia e a prisão arbitrária. Tais medidas exemplificam o uso da punição, outro mecanismo do condicionamento operante de Skinner, em que a apresentação de um estímulo aversivo, como prisão ou ameaça de violência estatal, reduz a frequência de uma conduta indesejada, no caso, a manutenção da identidade ucraniana pela população local.

O comportamento de submissão simbólica ao poder ocupante, expresso na adesão à cidadania russa, não pode ser interpretado apenas como uma reação instintiva de autopreservação, mas sim como uma resposta aprendida e moldada por um conjunto estruturado de reforços e punições. Conforme a teoria de Skinner, trata-se de um comportamento operante coletivo, através de um processo de modelagem coercitiva da conduta social, no qual o Estado ocupante assumiu o papel de agente controlador dos estímulos e consequências.

Ademais, esse processo de condicionamento operante, ao incidir sobre milhares de indivíduos simultaneamente, promove, também, a conformidade, consoante com o teorizado pela Psicologia Social. Quando a maioria dos residentes de uma comunidade já havia aceitado o passaporte russo, ainda que sob coação, os que ainda resistiam passavam a enfrentar não apenas as ameaças diretas do ocupante, mas também a pressão social indireta para se conformarem.

Como demonstraram Elliot Aronson e Joshua Aronson (2018), a conformidade ocorre, em grande parte, por influência normativa, ou seja, pela tendência do indivíduo a alinhar seus comportamentos e decisões aos da maioria, mesmo que isso contrarie suas convicções ou evidências pessoais. Tal comportamento visa reduzir o desconforto da divergência e preservar a aceitação dentro do grupo. Essa lógica é reforçada pela teoria de Robert B. Cialdini (2021), segundo a qual, em situações ambíguas ou perigosas, os indivíduos tendem a seguir o comportamento da maioria. Assim, quanto maior o número de pessoas aceitando o passaporte, maior a pressão psicológica sobre os indecisos, que passam a associar essa decisão a uma nova situação de normalidade.

Portanto, a aceitação coletiva da cidadania russa, ainda que imposta por coação, não apenas condiciona respostas individuais por reforço e punição, mas também desencadeia dinâmicas sociais de conformidade, que operam com base na busca por pertencimento e aprovação social.

Observamos que as ações de reforços e punições realizadas pelos instrumentos de poder político, econômico e civil da Rússia sobre o domínio social ucraniano resultaram em efeitos no próprio domínio social, com ucranianos abandonando suas nacionalidades e adotando a russa, alterando a composição demográfica da região.

4.2 BOMBARDEIO EM KARKIV

Outro fato relacionado à Psicologia Comportamental de Skinner foi observado em Karkhiv. Entre o final de fevereiro e meados de maio de 2022, durante a Batalha de Kharkiv, a cidade foi alvo de intensos bombardeios russos. Assim, milhares de pessoas buscaram abrigo permanente nos metrô. Mesmo após o encerramento da batalha e do bombardeamento, muitos ainda continuaram a viver no subsolo (Hnidy, 2022; World Health Organization, 2022).

Mais uma vez, pode-se observar o modelo de condicionamento operante de Skinner. Durante os intensos bombardeios que marcaram a Batalha de Kharkiv, a resposta comportamental de milhares de civis foi a busca constante por abrigo nas estações subterrâneas de metrô. Essa conduta, inicialmente instintiva, foi sendo reforçada ao longo do tempo: sempre que um novo ataque ocorria e os indivíduos que estavam no subsolo permaneciam ilesos, o comportamento de se abrigar era

recompensado pela sobrevivência, o que, na lógica de Skinner, constitui um reforço. O ambiente subterrâneo, apesar das condições precárias, passou a representar uma zona de segurança associada à redução do risco de morte, reforçando de forma contínua esse padrão de conduta. Mesmo após o arrefecimento dos ataques e a reabertura oficial das estações, muitos habitantes optaram por continuar vivendo no metrô, indicando que o comportamento já havia sido consolidado através dos reforços.

Em síntese, a conduta de buscar e manter-se no abrigo subterrâneo reflete um processo de modelagem comportamental: ao longo do tempo, sob contingências de reforço intenso e contínuo, a resposta de fugir e permanecer no metrô tornou-se a forma dominante de enfrentamento. O caso de Kharkiv demonstra, portanto, como contextos extremos de guerra podem produzir respostas adaptativas condicionadas, que persistem mesmo após a cessação imediata da ameaça, revelando a profundidade com que os princípios do condicionamento operante explicam comportamentos humanos em cenários de crise.

Os bombardeios em Kharkiv, conduzidos pelo instrumento de poder militar da Rússia, produziram efeitos significativos não apenas sobre o domínio infraestrutural da Ucrânia, mas também sobre o domínio social, alterando comportamentos e formas de convivência. A necessidade constante de buscar abrigo no subsolo levou a uma reorganização da vida cotidiana em espaços originalmente destinados à mobilidade urbana, como as estações de metrô.

4.3 IMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE RUSSA

De acordo com o Human Rights Watch (HRW) (2024), a Rússia implementou um processo de russificação²¹ nos territórios ocupados de Luhansk, Donetsk, Kherson e Zaporizhzhia, impondo seu sistema educacional e suprimindo a educação ucraniana, além de proibir o uso do idioma ucraniano nas escolas. Em seu relatório, o HRW aponta, ainda, que crianças ucranianas estão sendo doutrinadas com propagandas anti-ucranianas e treinamento militar, e nas aulas recebem materiais didáticos que relatam uma história que justifica a invasão russa e retratam a Ucrânia, sob seu atual governo, como um Estado neonazista.

²¹ Russificação significa o ato de russificar, tornar russo, fazer prevalecer entre outros povos e territórios os costumes, os padrões culturais e idioma dos russos (Michaelis, 2025).

Além disso, conforme relatado por Monastyrskiy e Vsetecka (2024), do Atlantic Council, e Kottasová e Vlasova (2025), da CNN, o governo russo removeu bandeiras, brasões e outros símbolos nacionais ucranianos de espaços públicos. Monumentos culturais e arquitetônicos relacionados à história e à identidade ucraniana foram demolidos e até memoriais importantes, como o das vítimas do Holodomor²², em Luhansk, foram retirados. De acordo com os autores, há um processo ativo de renomeação de ruas, praças e cidades, substituindo nomes ucranianos por denominações russas ou soviéticas, além de instalação de monumentos russos, como a inauguração de um busto de Joseph Stalin em Melitopol, cidade ocupada na região de Zaporizhzhia. Homenagens a feriados soviéticos, como o Dia da Vitória em 9 de maio²³, foram introduzidas como parte da programação oficial, o que pode contribuir, segundo os autores, para consolidar a narrativa ideológica russa na região.

A partir das evidências observadas, pode-se concluir que a atuação da Rússia nos territórios ocupados da Ucrânia sugere a adoção de uma política de russificação, indicando um possível esforço para reconfigurar identidades coletivas e individuais. Medidas como a substituição de currículos escolares, o banimento do idioma ucraniano em instituições de ensino, a imposição de símbolos russos nos espaços públicos e a renomeação de ruas e praças podem ser interpretadas como parte de uma tentativa deliberada de intervenção sobre os fundamentos cognitivos que sustentam a identidade nacional ucraniana.

Sob a ótica da Psicologia Cognitiva, tal processo pode ser analisado à luz da teoria dos esquemas mentais, conforme descrita por Ulric Neisser. Os esquemas são estruturas cognitivas que organizam o conhecimento e orientam a percepção da realidade. A contínua exposição da população, especialmente crianças, a narrativas históricas pró-Rússia, a materiais didáticos que justificam a invasão e a símbolos que

²² Holodomor foi uma fome em massa ocorrida entre 1932 e 1933 na Ucrânia soviética, amplamente reconhecida por diversos países e instituições como resultado de uma política deliberada do regime de Josef Stalin. Estima-se que cerca de 3 a 4 milhões de ucranianos morreram em decorrência da escassez forçada de alimentos, confiscos agrícolas e bloqueios de socorro externo. Os memoriais às vítimas simbolizam não apenas a tragédia humanitária, mas também a resistência da identidade nacional ucraniana contra políticas de opressão e apagamento cultural (Britannica, 2025c).

²³ O Dia da Vitória, celebrado em 9 de maio, é uma das principais datas cívicas da Federação Russa. Comemora a rendição da Alemanha nazista à União Soviética em 1945, marcando o fim da Grande Guerra Patriótica, como é conhecido o front oriental da Segunda Guerra Mundial no contexto soviético. A data é tradicionalmente marcada por desfiles militares, discursos patrióticos e homenagens aos veteranos, sendo amplamente utilizada pelo governo russo como símbolo da força nacional e da legitimidade histórica de seu protagonismo militar (Kirby, 2022).

exaltam o legado soviético pode contribuir para a formação de novos esquemas alinhados à visão russa, substituindo antigos ligados à identidade ucraniana.

Além disso, como estabelece a Psicologia Cognitiva, os processos de armazenamento e recuperação da memória são altamente sensíveis ao ambiente sociocultural. A supressão de referências nacionais ucranianas, como bandeiras, monumentos e memoriais, e a simultânea exaltação de feriados e personagens históricos russos podem favorecer a reorganização das memórias coletivas e individuais, enfraquecendo a coesão identitária anterior. Embora não se possa afirmar com certeza o grau de internalização desses novos conteúdos, é plausível supor que tais práticas atuem como instrumentos cognitivos de assimilação simbólica, sobretudo entre as gerações mais jovens.

Portanto, ainda que não haja consenso definitivo sobre os efeitos de longo prazo desse processo, o conjunto de medidas adotadas pode ser interpretado como um mecanismo de influência cognitiva, característico das guerras híbridas. Nesse cenário, observa-se não apenas uma disputa territorial, mas também uma tentativa de moldar a percepção, a memória e os referenciais culturais de uma população, com vistas à sua eventual incorporação à esfera política da Federação Russa.

Observamos que estão sendo realizadas diversas ações pelos instrumentos de poder político e civil da Rússia sobre o domínio social ucraniano, que podem resultar em efeitos sobre cognição dos ucranianos, com o abandono de sua identidade em prol de uma nova identidade russa.

As evidências indicam que estão sendo empregadas múltiplas ações articuladas pelos instrumentos de poder político e civil da Rússia sobre os domínios social e infraestrutural dos territórios ocupados, configurando um esforço de intervenção sobre a cognição da população local, com efeitos, portanto, no domínio social. Essas ações não apenas alteram o ambiente físico e institucional, mas também incidem sobre os processos mentais que sustentam a identidade e a memória social. Ao desestruturar os referenciais simbólicos anteriores e substituí-los por narrativas e marcos culturais russos, esse conjunto de práticas tende a promover, sobretudo entre as novas gerações, uma possível reconfiguração dos esquemas cognitivos associados à pertença nacional.

Embora os efeitos de longo prazo ainda não possam ser plenamente mensurados, é plausível afirmar que tais medidas buscam enfraquecer a identidade

ucraniana e induzir a assimilação de uma nova identidade alinhada à esfera política e cultural da Federação Russa.

4.4 MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA RUSSA

O domínio informacional do conflito entre a Rússia e a Ucrânia revela o uso intensivo de técnicas de influência destinadas a moldar percepções, crenças e comportamentos, através de métodos que assumem formas de desinformação, através da censura seletiva e controle de narrativas. Seus efeitos se manifestam sobre os processos cognitivos individuais, como atenção, memória, raciocínio, julgamento e tomada de decisão, alterando significativamente a forma como a realidade é percebida e interpretada pelas populações afetadas. Na Federação Russa, esse processo tem sido conduzido de maneira sistemática pelo Estado e pode estar contribuindo para consolidar o apoio de sua população e para manter a legitimidade interna, por meio da manipulação da opinião pública.

Quando a Rússia iniciou a invasão em fevereiro de 2022, havia, entre analistas e governos ocidentais, a expectativa de que o povo russo não apoiaria uma guerra contra um país vizinho. Entretanto, pesquisas indicaram um amplo apoio da população russa às ações do governo, com aproximadamente dois terços dos entrevistados expressando concordância com a chamada Operação Militar Especial (Kolesnikov; Volkov, 2022). Esses dados sugerem que, já nos primeiros momentos do conflito, a estratégia de moldar a percepção pública através do controle da informação e narrativas oficiais havia alcançado sucesso significativo.

Desde o início da ofensiva contra a Ucrânia, o governo russo impôs o uso exclusivo da expressão Operação Militar Especial para designar o conflito, proibindo, sob pena de até 15 anos de prisão, o emprego de termos como guerra ou invasão. Tal restrição foi institucionalizada por meio de alterações de leis da Federação Russa, enquadrando como crime a divulgação de informações falsas sobre as Forças Armadas. Estando quase todos os meios de comunicação sob controle estatal ou fortemente regulamentados, a narrativa oficial passou a dominar o espaço informativo. As principais emissoras e jornais reiteraram as justificativas apresentadas por Vladimir Putin de que a operação seria uma tentativa de desnazificação e desmilitarização da Ucrânia, bem como uma missão de paz para proteger a população russófona de

Donbas dos crimes de guerra praticados pelo governo ucraniano (MacFarquhar, 2022; Reuters, 2022b).

Conforme evidenciado no relatório do Hybrid CoE, *Research Report* 11, de autoria de Jakub Kalensky e Roman Osadchuk (2024), a utilização, pela Rússia, de campanhas massivas com *bot farms*²⁴ em redes sociais como instrumento para difundir narrativas falsas constitui um aspecto importante da estratégia de desinformação aplicada contra a Ucrânia. Este documento detalha como a Rússia ampliou sua ofensiva informacional desde 2014, intensificando significativamente esses esforços a partir de 2022, durante a invasão. O relatório destaca que a Rússia criou uma rede extensa de canais, que atuaram de forma coordenada para sobrecarregar o domínio informacional com múltiplas propagandas e falsas narrativas, dificultando sua refutação pelas autoridades ucranianas e aliados.

A propaganda estatal e o controle informacional desempenharam papel central na construção de uma realidade paralela na percepção de alguns segmentos da sociedade russa. Através da mídia estatal, o governo propagou um discurso no qual o conflito era descrito como uma ação legítima e preemptiva para libertar a Ucrânia de nazistas e fascistas, proteger a população russófona do Donbas e impedir a expansão hostil da OTAN contra a Rússia. Tais narrativas, repetidas sistematicamente, foram internalizadas por parte da população como verdades inquestionáveis (Kolesnikov; Volkov, 2022). Informações contrárias, incluindo imagens da destruição em áreas civis e relatos de violações cometidas por tropas russas, foram censuradas ou reinterpretadas como propaganda inimiga. Assim, consolidou-se uma visão pró-Rússia dos fatos, na qual os danos humanitários do conflito eram atribuídos exclusivamente às forças ucranianas (MacFarquhar, 2022).

A manipulação da opinião pública russa também se manifestou por meio da reinterpretação da história nacional, orientada pela narrativa oficial de que a Rússia, ao longo de sua trajetória, jamais promoveu ações de agressão contra outros Estados, mas, apenas, defendeu suas fronteiras e interesses legítimos. Há uma transferência

²⁴ A expressão *Bot farms* (fazendas de bots) refere-se a uma infraestrutura digital organizada para operar um grande número de contas automatizadas (*bots*) em plataformas online, especialmente em redes sociais. Essas contas são programadas para simular interações humanas, como curtidas, compartilhamentos, comentários e postagens, com o objetivo de manipular artificialmente a percepção pública sobre determinado assunto, amplificar narrativas específicas ou sufocar conteúdos contrários. Em contextos de guerra informacional, *bot farms* são utilizadas para disseminar desinformação em larga escala, promover campanhas de propaganda estatal e influenciar a opinião pública de forma coordenada (Bergmanis-Koräts; Haiduchyk, 2024).

de responsabilidade para os adversários, principalmente a OTAN, apresentada como a responsável pela escalada do conflito em Donbas. Essa narrativa reforça a percepção de que a intervenção militar russa visava proteger comunidades russófonas supostamente perseguidas e violentadas pelo governo ucraniano, sendo consolidado, entre a população russa, que essa região ucraniana eram duas Repúblicas Populares, Donetsk e Luhansk, onde viviam compatriotas e irmãos russófonos (Kolesnikov; Volkov, 2022).

De acordo com Nina Rozhanovskaya (2023), a instrumentalização do sistema educacional russo tornou-se mais uma ferramenta na estratégia de modelagem da opinião pública durante o conflito com a Ucrânia. A partir de 2022, o Estado passou a utilizar as salas de aula como espaços privilegiados para a disseminação de sua narrativa oficial, especialmente junto às camadas mais jovens da população. Foram instituídas aulas semanais com conteúdo alinhado às diretrizes governamentais, reforçando mensagens patrióticas e reafirmando o papel do Estado como fonte exclusiva e confiável de informação. Paralelamente, os currículos escolares foram reformulados e novos materiais didáticos foram incorporados, com o objetivo de recontar a história recente sob uma ótica que justificasse a Operação Militar Especial como resposta legítima à ameaça ocidental. Segundo a autora, essa reconfiguração do discurso educacional busca consolidar, desde a infância, uma percepção positiva e acrítica das ações estatais, ampliando a adesão popular ao conflito (Rozhanovskaya, 2023).

Além disso, conforme relatado por Kolesnikov e Volkov (2022), a exposição prolongada à propaganda estatal russa tem gerado, em parte da população, um padrão de rejeição a informações que contradigam a narrativa oficial. Muitos indivíduos, ao confrontarem imagens e relatos sobre os impactos reais da guerra, tendem a classificá-los como *fake news* ou como provocações provenientes do governo ucraniano e da OTAN.

De acordo com o The Guardian (2022), Reuters (2022a) e BBC (2023), desde o início da ofensiva militar russa contra a Ucrânia, em fevereiro de 2022, diversos relatos têm indicado o rompimento de laços familiares e sociais entre cidadãos russos e ucranianos devido à divergência na percepção dos eventos do conflito. Em casos documentados por esses veículos de imprensa, ucranianos, que se encontram sob bombardeios ou em áreas devastadas, relataram, em ligações telefônicas e mensagens, a destruição de suas cidades, as mortes de civis e outras consequências

diretas da invasão. Entretanto, muitos de seus parentes residentes na Rússia mantiveram a convicção de que Putin não teve opção senão atacar preventivamente. Outros reagiram com ceticismo, recusando-se a acreditar nos relatos e, em vários casos, acusando os familiares de estarem reproduzindo propaganda ocidental ou sendo enganados por imagens manipuladas. Vídeos de prédios destruídos foram considerados falsos por parentes russos, mesmo quando enviados diretamente por familiares na Ucrânia.

Com o Estado russo exercendo controle ou impondo forte regulação sobre a maioria dos meios de comunicação, consolidou-se a difusão contínua de uma narrativa única. Essa narrativa foi reforçada pela censura de termos como guerra e invasão e pela imposição da expressão Operação Militar Especial, apoiada em justificativas como a desnazificação, a proteção da população russófona e a prevenção contra a OTAN. Assim, o espaço informacional tornou-se homogêneo e repetitivo, no qual o cidadão comum foi exposto a estímulos informacionais constantes, reforçando percepções enviesadas da realidade.

Essas evidências relacionadas à manipulação da informação podem ser analisadas à luz de conceitos estudados pela Psicologia Cognitiva. Conforme discutido por Eysenck e Keane (2015), a atenção é um recurso cognitivo limitado e seletivo, sendo fortemente influenciada pelos estímulos presentes no ambiente externo. Em paralelo, a saturação do ambiente, como o uso de *bot farms* para amplificar automaticamente essas narrativas pró-Kremlin nas redes sociais, agrava uma sobrecarga cognitiva que estimula o uso do Sistema 1 de raciocínio, caracterizado por decisões rápidas, intuitivas e pouco analíticas, favorecendo a absorção acrítica da informação e contribuindo para que percepções distorcidas da realidade fossem assimiladas como verdades inquestionáveis por parte da população.

Nesse ambiente, a exposição contínua a conteúdos alinhados ao discurso oficial favorece processos de aprendizagem implícita, nos quais informações são assimiladas sem consciência explícita, moldando julgamentos e comportamentos de forma automática. Além disso, a repetição sistemática das mensagens aumenta a fluência de processamento cognitivo, ou seja, a facilidade com que tais conteúdos são percebidos e compreendidos, levando à sensação de familiaridade.

Segundo Eysenck e Keane (2015), essa familiaridade é um dos fatores que contribuem para a aceitação de ideias como se fossem verdadeiras. Esse processo está diretamente relacionado ao efeito da verdade ilusória, descrito por Dechêne *et al.*

(2010), no qual a repetição de informações falsas aumenta sua percepção subjetiva de veracidade, consolidando crenças mesmo na ausência de dados comprováveis. Tais mecanismos ajudam a explicar por que, já nos primeiros meses da invasão, pesquisas indicaram que cerca de dois terços da população russa apoiavam a operação e por que muitos cidadãos passaram a considerar como falsos relatos e imagens enviados por familiares ucranianos, mesmo diante de evidências concretas de destruição e mortes.

A manipulação da opinião pública na Rússia, durante o conflito com a Ucrânia, pode estar associada à atuação do fenômeno da conformidade, estudado pela Psicologia Social. Esse conceito refere-se à tendência dos indivíduos de ajustarem suas atitudes e comportamentos para se alinharem às normas de um grupo, podendo ocorrer por duas vias distintas: a conformidade normativa e a informacional.

No caso russo, é plausível concluir que a informacional se manifestou por meio do controle estatal da mídia e censura de fontes alternativas, que reduziram drasticamente o acesso da população a informações divergentes. Com poucas ou nenhuma fonte confiável fora da narrativa oficial, a população pode ter passado a considerar a versão governamental como a mais correta ou única possível, atribuindo credibilidade a figuras de autoridade, como líderes políticos, militares e jornalistas alinhados ao governo, cuja posição reforça a percepção de que suas declarações representam a verdade dos fatos.

Já a normativa, quando o indivíduo adere externamente às ideias dominantes por desejo de aceitação social ou para evitar desconforto da divergência, pode ter se manifestado através da pressão social para não divergir publicamente da narrativa oficial, pelo desejo de aceitação e pertencimento a um grupo majoritário pró-governo e pela adaptação externa do discurso para evitar desconforto social ou conflitos com familiares e amigos. Formou-se, então, um ambiente no qual boa parte da população passou a repetir que a intervenção militar na Ucrânia seria uma ação defensiva, moralmente legítima e historicamente justificada. Assim, é possível que a conjunção entre conformidade normativa e informacional tenha contribuído significativamente para a consolidação de uma adesão social às narrativas desinformativas.

Por fim, a rejeição de informações que contradizem a narrativa oficial do Estado russo pode ser compreendida, em parte, à luz da teoria da dissonância cognitiva, formulada por Leon Festinger (1957) e ampliada por Elliot Aronson (1969). Segundo essa teoria, os indivíduos experimentam um desconforto psicológico quando

confrontados com informações que entram em conflito com suas crenças previamente consolidadas.

No caso russo, a intensa exposição prolongada à propaganda estatal, associada à conformidade e à internalização de crenças legitimadoras da ação militar, pode ter contribuído para a formação de um sistema cognitivo, no qual a versão oficial do conflito é percebida como verdadeira e moralmente justificável. Quando evidências externas, como imagens de destruição em áreas civis ou denúncias de crimes de guerra, são apresentadas, muitos indivíduos recorrem à negação automática, rotulando-as como *fake news*, manipulações do Ocidente ou provocações da OTAN.

Como resultado, cidadãos deixam de reagir criticamente, mesmo frente a evidências de excessos por parte das tropas russas. Tal reação não é meramente racional, mas um mecanismo de autoproteção cognitiva, que visa preservar a coerência interna do sistema de crenças diante de uma realidade conflitante.

Assim, as sobrecargas informacionais vêm causando formação de crenças disfuncionais e distorção da realidade. À luz da Psicologia Cognitiva, essas práticas moldam crenças e exploram vieses. Sob outro enfoque, como explica a Psicologia Social, ativam mecanismos de conformidade e dissonância cognitiva.

Diante das evidências, é possível observar que as ações empreendidas pelos instrumentos de poder político, civil e informacional da Rússia no seu próprio domínio social produzem e exploram crenças distorcidas para orientar a forma como as pessoas interpretam o conflito dentro do seu próprio território, a fim de gerar como efeito a manutenção da opinião pública a seu favor.

4.5 DESUMANIZAÇÃO DOS UCRANIANOS

Desde antes da invasão da Ucrânia em 2022, o governo russo já havia iniciado uma campanha contínua de construção de narrativas destinadas a retratar os ucranianos e, especialmente, seu governo como elementos moralmente degradados ou historicamente ilegítimos. Diversas fontes jornalísticas e institucionais documentaram o uso sistemático, por parte do Kremlin, de termos como nazistas, genocidas e agressores de russos étnicos, possivelmente para deslegitimar a Ucrânia como Estado soberano e enfraquecer sua imagem no cenário internacional (United Nations, 2022a). De acordo com o The Economist (2022), a alegação de que o governo ucraniano seria controlado por neonazistas foi central nos discursos oficiais

russos e essa retórica passou a ser reproduzida internamente em canais estatais, sendo propagada internacionalmente em discursos diplomáticos e mídias de apoio ao regime russo. Segundo Sanches (2022) da BBC, essa narrativa explora a memória soviética da Segunda Guerra Mundial, com Putin mobilizando conceitos históricos e eventos traumáticos para justificar as ações militares, caracterizando-as não como agressão, mas como uma tentativa de defesa contra um mal absoluto.

No relatório *The Denazify Lie* da *RAND Corporation*, Treyger *et al.* (2025) afirmam que essas narrativas contribuíram para desumanizar os ucranianos, moldando a percepção de que eles são ameaças difusas e desprovidos de identidade legítima. Segundo os autores, em determinadas peças midiáticas, ucranianos são retratados sem rosto, sem nome e sem humanidade, o que, de acordo com o relatório, facilita a aceitação de ações violentas sob a justificativa de que se trata de um mal a ser eliminado. O documento aponta que a desumanização é evidenciada pelo uso de termos animais, como “porcos e baratas”, pelos russos para se referirem aos civis e militares ucranianos, retratando-os como o mal supremo e apresentando o conflito como uma luta entre o bem e o mal.

Assim, o relatório acima detalha como as narrativas e discursos do governo russo, especialmente aqueles carregados de linguagem desumanizadora e de incitação ao ódio contra os ucranianos, podem criar um ambiente que incita a violência e ações militares agressivas, possivelmente dessensibilizando tropas à hostilidade e refletindo em ações repressivas contra civis e combatentes ucranianos. Ainda de acordo com o relatório, em debates televisionados, comentaristas chegaram a afirmar que ucranianos devem ser destruídos, justificando a violência como uma espécie de purificação necessária. Para Treyger *et al.* (2025), esse discurso desumanizante serve para legitimar atos brutais, como bombardeios indiscriminados ou tortura, ao reduzir os ucranianos à categoria de animal ou praga, suprimindo inibições morais dos combatentes.

O relatório da Comissão Internacional Independente de Investigação sobre a Ucrânia, da ONU, apresentado à Assembleia Geral das Nações Unidas em outubro de 2022, fornece relatos de relevante agressividade demonstrada pelas tropas russas nas áreas ocupadas durante os primeiros meses da invasão. Entre os principais comportamentos agressivos identificados, destacam-se: execuções sumárias de civis desarmados, muitas vezes com sinais de tortura; ataques deliberados contra civis em fuga, abandonando a região em conflito; confinamento em condições desumanas,

como privação de alimentos e ausência de instalações sanitárias; práticas de tortura e tratamento cruel; violência sexual; e vandalismo, como destruição de escolas, hospitais e residências (United Nations, 2022b).

A campanha de desumanização dos ucranianos promovida pelo governo russo desde antes da invasão de 2022 pode ter desempenhado papel relevante na construção de um ambiente psicossocial permissivo à prática de atos extremos por parte de suas tropas. A disseminação contínua dessas narrativas em meios de comunicação estatais, associada à sua reprodução frequente em espaços públicos, como escolas, pronunciamentos oficiais e canais governamentais, não apenas amplificou o alcance da retórica dominante, como também lhe conferiu legitimidade institucional.

À luz da teoria de psicologia social de Elliot Aronson e Joshua Aronson, que trata dos estereótipos, observa-se que a polarização entre russos e ucranianos, promovida pelo Estado russo, operou por meio da ativação de processos automáticos de categorização social. A rotulação persistente dos ucranianos como nazistas, genocidas ou pragas favoreceu a consolidação de estereótipos negativos rígidos, que simplificam e distorcem a percepção do *outgroup*.

Esse enquadramento fortaleceu a oposição *ingroup-outgroup*: os russos, percebidos como moralmente superiores e historicamente vítimas, contrapõem-se a um *outgroup* ucraniano degradado, perigoso e ilegítimo. Em tal estrutura, a violência dirigida aos ucranianos deixa de ser interpretada como transgressão moral, passando a ser concebida como um ato necessário de defesa, justificado pela ameaça atribuída ao outro. Assim, os estereótipos sustentam a justificativa da agressão, pois reorganizam, cognitivamente, o conflito como um embate entre o bem e o mal, e não como uma guerra entre Estados soberanos.

Essa estereotipização negativa aliada à despersonalização pelo uso constante de imagens e expressões que retiram dos ucranianos seu rosto, nome e identidade individual favorece a ausência de empatia e a atenuação dos limites morais, que normalmente restringiriam comportamentos violentos. À luz da teoria da dissonância cognitiva, todo esse processo opera como um mecanismo de redução do conflito interno: ao redefinir o ucraniano como uma ameaça coletiva, amorfa e inferior, os russos, que participam da violência, podem estar reinterpretando suas ações como moralmente justificáveis, necessárias ou defensivas.

Essa reconfiguração perceptiva permite que comportamentos extremos sejam assimilados como coerentes com valores pessoais ou coletivos, neutralizando o desconforto psicológico que surgiria diante da contradição entre violência praticada e princípios morais internalizados. Nessas condições, os limites morais que normalmente impediriam a prática de atos violentos tornam-se menos eficazes, enquanto aumenta o conjunto de comportamentos agressivos que o grupo considera aceitáveis. Como resultado, atos de violência severa passam a ser praticados de forma recorrente e são aceitos como ações justificáveis e legítimas.

As condutas extremas observadas entre integrantes das tropas russas também podem ser analisadas à luz de outros dois conceitos da psicologia social: desindividualização e obediência à autoridade associada à transferência de responsabilidade.

A violência documentada, como execuções sumárias, tortura e ataques deliberados contra civis, sugere um contexto no qual os soldados operam sob forte coesão grupal, anonimato e hierarquia rígida, características que favorecem o enfraquecimento da autoconsciência moral e da responsabilização individual, como teorizado por Elliot Aronson e Joshua Aronson. Nesse estado de desindividualização, os combatentes passam a agir menos como sujeitos morais autônomos e mais como integrantes indistintos de um coletivo homogêneo, o que facilita a execução de comportamentos agressivos sem reflexão crítica.

Esse fenômeno pode ser potencializado quando as ordens violentas ou discursos desumanizantes partem de figuras de autoridade percebidas como legítimas, como os de Putin. Nesses casos, a obediência tende a ser acompanhada por um deslocamento da responsabilidade moral: os combatentes deixam de se perceber como autores das ações, considerando-se apenas instrumentos de uma missão maior, autorizada e justificada por lideranças superiores.

Essa combinação de obediência à autoridade com a diluição da responsabilidade individual pode ter contribuído para uma redução da reflexão crítica e para o deslocamento da responsabilidade moral, favorecendo a prática de atos extremos sob a justificativa de lealdade ou obediência hierárquica.

Observamos que as ações empreendidas pelo instrumento de poder informacional da Rússia, direcionadas ao seu próprio domínio social, produziram efeitos significativos sobre o fator humano interno, em especial no que se refere à construção da imagem do oponente. A disseminação de narrativas desumanizadoras,

veiculadas por meios estatais e repetidas em múltiplos espaços institucionais e midiáticos, contribuiu para a consolidação da crença de que civis e militares ucranianos seriam não apenas adversários políticos ou estratégicos, mas seres inferiores e moralmente desprezíveis. Assim, a atuação do poder informacional russo não apenas moldou a percepção coletiva do conflito, como também criou as condições subjetivas para a aceitação e, possivelmente, a prática de condutas violentas por parte das tropas.

Dessa forma, observa-se a utilização de múltiplos instrumentos do poder nacional russo sobre o domínio social tanto em território ucraniano quanto no interior da própria Rússia, com efeitos substanciais sobre civis e combatentes. Este capítulo demonstrou que diversas ações empreendidas no contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, entre 2022 e 2025, produziram impactos relevantes no domínio social, manifestando-se em alterações cognitivas e comportamentais do fator humano.

Tais efeitos foram observados na forma de conformidade, desumanização do inimigo, internalização de narrativas estatais, respostas condicionadas a estímulos de ameaça e alterações identitárias. A análise evidenciou que esses fenômenos podem ser compreendidos à luz dos referenciais da Psicologia Comportamental, Cognitiva e Social, os quais oferecem arcabouço teórico para explicar como ações de uma Guerra Híbrida moldam percepções, esquemas mentais, condutas individuais e atitudes coletivas.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa analisou, sob a ótica da Psicologia, os efeitos sobre o fator humano decorrentes de ações características de uma Guerra Híbrida, particularmente, no Conflito Rússia-Ucrânia. O propósito foi compreender como determinadas ações, dentro de um contexto de Guerra Híbrida, podem incidir sobre o fator humano, modificando comportamentos e processos mentais, com foco no emprego dos instrumentos de poder da Rússia no conflito contra a Ucrânia, entre 2022 e 2025. Para tanto, o trabalho buscou responder se as ações realizadas pela Rússia, dentro do contexto do Conflito Rússia-Ucrânia, entre 2022 e 2025, resultaram em efeitos no domínio social, mais especificamente, em impactos cognitivos e comportamentais sobre o fator humano. A compreensão desses efeitos é relevante para a análise de conflitos contemporâneos e para a preparação da MB frente a um ambiente operacional cada vez mais complexo, onde os efeitos no domínio social podem contribuir efetivamente para o atingimento dos objetivos estratégicos e políticos.

A pesquisa adotou uma abordagem exploratória, voltada à compreensão dos impactos cognitivos e comportamentais observados no contexto estudado. No que se refere aos procedimentos técnicos, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, com análise qualitativa das informações, obtidas exclusivamente em fontes abertas, selecionadas por sua relevância, confiabilidade e adequação ao objeto delimitado.

A trajetória argumentativa foi desenvolvida ao longo de três capítulos centrais que antecedem estas considerações. O capítulo dois estabeleceu o referencial teórico da investigação, onde foi apresentada uma breve evolução do conceito de Guerra Híbrida e conceitos das teorias da Psicologia Comportamental, Cognitiva e Social, os quais serviram como ferramentas de análise. O capítulo três se dedicou a contextualizar o objeto de estudo, descrevendo os antecedentes históricos e as dinâmicas do Conflito Rússia-Ucrânia, de modo a fornecer uma base para a análise subsequente. Por fim, o capítulo quatro constituiu a parte principal da pesquisa, na qual se realizou a correlação entre a teoria e as evidências coletadas, demonstrando, por meio de casos concretos, como algumas ações russas incidiram sobre o fator humano.

Verificou-se que a conduta de adoção da cidadania russa pela população ucraniana e as reações da população civil aos bombardeios em Kharkiv exemplificam

processos de modelagem comportamental por meio de condicionamento operante, teorizado por Skinner, nos quais reforços e punições empregados induziram comportamentos. No campo cognitivo, as evidências apontaram para um potencial esforço deliberado de reconfiguração de esquemas mentais e memórias coletivas, por meio da supressão de símbolos nacionais ucranianos e da imposição de um novo sistema educacional e de narrativas históricas. Tais ações tendem a enfraquecer a identidade ucraniana, com uma assimilação de uma nova identidade alinhada aos interesses da Federação Russa, demonstrando uma possível exploração de processos cognitivos para fins estratégicos.

Adicionalmente, o estudo sobre a manipulação da opinião pública russa revelou a exploração de vulnerabilidades cognitivas inerentes ao processamento humano da informação. A saturação do ambiente informacional com narrativas estatais, a repetição sistemática de desinformação e a censura de fontes alternativas favoreceram a ativação de raciocínio automático, a consolidação de crenças pelo efeito da verdade ilusória e a manifestação de dissonância cognitiva, resultando na adesão de parte da população russa ao discurso oficial e na rejeição de evidências contrárias.

A campanha de desumanização dos ucranianos promovida pela Rússia no conflito atuou por meio da ativação de estereótipos negativos e da construção de uma distinção rígida entre *ingroup* e *outgroup*. Essa dinâmica pode ter contribuído para a redução de inibições morais, ao reclassificar o inimigo como entidade inferior ou ameaçadora, favorecendo a aceitação de condutas agressivas por parte das tropas. Esse processo demonstrou como determinados mecanismos cognitivos, quando combinados a influências sociais, podem levar à aceitação da violência como uma conduta justificável durante situações de conflito armado.

A conclusão geral que emerge desta análise é que as ações realizadas pelos múltiplos instrumentos de poder russo, no Conflito Rússia-Ucrânia, conseguiram produzir efeitos significativos sobre o fator humano, respondendo afirmativamente ao problema de pesquisa. A relevância desta constatação reside na demonstração de que o domínio social e, mais especificamente, a esfera humana, constitui um campo de batalha relevante nos conflitos contemporâneos. A pesquisa evidenciou que o fator humano é, em si, um subdomínio a ser disputado, onde percepções, crenças, identidades e comportamentos podem ser moldados por atores estatais com vistas ao alcance de objetivos políticos e estratégicos.

Entretanto, pela limitação desta pesquisa, alguns aspectos não puderam ser desenvolvidos. A análise baseou-se exclusivamente em fontes abertas, o que significa a não utilização de informações classificadas ou de dados que poderiam ser obtidos por meio de pesquisa de campo, como entrevistas com combatentes e civis. A dinâmica contínua do conflito também impõe um desafio, uma vez que novos desdobramentos podem alterar ou aprofundar os efeitos aqui analisados. Deste modo, indica-se, para pesquisas futuras, a realização de estudos que possam mensurar os impactos psicológicos de longo prazo sobre combatentes e populações civis afetados, bem como investigações comparativas com outros cenários de Guerras Híbridas, a fim de identificar padrões e particularidades nas estratégias de influência psicológica.

As possibilidades de desenvolvimento futuro deste campo de estudo são amplas, especialmente com o crescente avanço de tecnologias como a inteligência artificial que divulga a informação de forma instantânea e sem a necessidade de intervenção humana. A capacidade de gerar e disseminar desinformação personalizada em larga escala, de criar realidades falsas convincentes e de explorar mecanismos cognitivos de forma automatizada representam desafios complexos que exigem novas abordagens para mitigação e resposta. Futuras investigações poderiam contribuir no desenvolvimento de contramedidas cognitivas e tecnológicas, para proteger indivíduos contra essas formas de manipulação.

No contexto da Marinha do Brasil, os resultados desta pesquisa contribuem para o aperfeiçoamento da compreensão do ambiente operacional contemporâneo, caracterizado por ameaças que incidem diretamente sobre o fator humano. A identificação e a análise dos mecanismos de manipulação cognitiva e comportamental empregados no Conflito Rússia-Ucrânia fornecem subsídios relevantes para a revisão doutrinária e para o desenvolvimento de programas de capacitação voltados ao fortalecimento da capacidade de julgamento crítico e da resiliência cognitiva do pessoal militar.

A compreensão dos modos pelos quais a mente e a conduta humanas podem ser influenciadas em situações de conflito constitui elemento relevante para o preparo de forças aptas a operar em um espectro ampliado de ameaças, especialmente no contexto das Guerras Híbridas, que desafiam os modelos tradicionais de emprego do poder militar.

REFERÊNCIAS

ARONSON, Elliot. The Theory of Cognitive Dissonance: A Current Perspective. **Advances in Experimental Social Psychology**, Texas, v. 4, p. 1-34, 1969.

ARONSON, Elliot; ARONSON, Joshua. **The Social Animal**. New York: Worth Publishers, 2018.

ARONSON, Elliot; PRATKANIS, Anthony. **Age of Propaganda**. California: Holt McDougal, 2001.

BARTLETT, Frederic. **Remembering**: A study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BBC. West warns Russia amid rising tensions in Crimea. **BBC**, 27 fev. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26366700>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BBC. How the Ukraine war is creating family rifts in Russia. **BBC**, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-64640183>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BERGMANIS-KORĀTS, Gundars; HAIDUCHYK, Tetiana. Social Media Manipulation for Sale: 2024 Experiment on Platform Capabilities to Detect and Counter Inauthentic Social Media Engagement. **NATO Strategic Communications Centre of Excellence**, Latvia, nov. 2024. Disponível em: <https://stratcomcoe.org/pdfjs/?file=/publications/download/Social-Media-Manipulation-2024-DIGITAL-1eb50.pdf?zoom=page-fit>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Marinha do Brasil. Escola De Guerra Naval. **Ofício nº 10-182/2022, da EGN**. Estudo sobre o Conflito Rússia e Ucrânia. Rio de Janeiro-RJ: Escola de Guerra Naval, 2022.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **Plano Estratégico da Marinha (PEM 2040)**. Brasília, 2020.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-310 - Estratégia de Defesa Marítima**. Brasília, 2023.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Crimea. **Encyclopedia Britannica**, 2025a. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Crimea>. Acesso em: 17 mai. 2025.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Russia-Ukraine War. **Encyclopedia Britannica**, 2025b. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/2022-Russian-invasion-of-Ukraine>. Acesso em: 17 mai. 2025.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Holodomor. **Encyclopedia Britannica**, 2025c. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Holodomor>. Acesso em: 13 jul. 2025.

CIALDINI, Robert B. **As Armas da Persuasão 2.0**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**. London: Everyman's Library, 1993.

COLLIN, Catherine *et al.* **O Livro da Psicologia**. São Paulo: Globo Livros, 2012.

CONANT, Eve. Rússia e Ucrânia: a complicada história que conecta (e divide) os dois países. **National Geographic**, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/02/russia-e-ucrania-a-complicada-historia-que-conecta-e-divide-os-dois-paises>. Acesso em: 01 jun. 2025.

CULLEN, Patrick J.; REICHBORN-KJENNERUD, Erik. **MCDC Countering Hybrid Warfare Project: Understanding Hybrid Warfare**. Multinational Capability Development Campaign, jan. 2017. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/countering-hybrid-warfare-project-understanding-hybrid-warfare>. Acesso em: 07 jul. 2025.

DECHÊNE, Alice *et al.* The Truth About the Truth: A Meta-Analytic Review of the Truth Effect. **Society for Personality and Social Psychology**, 2010. Disponível em: <http://psr.sagepub.com/content/14/2/238>. Acesso em: 15 jun. 2025.

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. **Cognitive Psychology: A Student's Handbook**. New York: Psychology Press, 2015.

FESTINGER, Leon. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Redwood City: Stanford University Press, 1957.

FOREIGN AFFAIRS. Lawrence D. Freedman. **Foreign Affairs**, [S. l.], c2025. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/authors/lawrence-d-freedman>. Acesso em: 25 jul. 2025.

FREEDMAN, Lawrence. **Ukraine and the Art of Strategy**. New York: Oxford University Press, 2019.

GENEVA CENTER FOR SECURITY POLICY. Dmitri V. Trenin. **GCSP**, Geneva, [20--]. Disponível em <https://www.gcsp.ch/experts/dr-dmitri-v-trenin>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GIANNOPOULOS, Georgios; SMITH, Hanna; THEOCHARIDOU, Marianthi. **The landscape of Hybrid Threats: A conceptual model**. Publications Office of the European Union, Luxembourg, 2021. Disponível em: <https://www.hybridcoe.fi/publications/the-landscape-of-hybrid-threats-a-conceptual-model/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

HNIDYI, Vitalii. After three months underground, Kharkiv residents move as metro reopens. **Reuters**, 24 mai. 2022. Disponível em: https://www.reuters.com/world/europe/after-three-months-underground-kharkiv-residents-move-metro-reopens-2022-05-24/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 jun. 2025.

HOFFMAN, Frank; MATTIS, James. *Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars*. **Proceedings**, U.S. Naval Institute, nov. 2005. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/2005/november/future-warfare-rise-hybrid-wars>. Acesso em: 20 jun. 2025.

HOFFMAN, Frank. **Conflict in the 21st Century**: The Rise of Hybrid Wars. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. Disponível em: <https://www.potomacinstitute.us/reports/19-reports/1163-conflict-in-the-21st-century-the-rise-of-hybrid-wars>. Acesso em: 20 jun. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). *Ukraine: Forced Russified Education Under Occupation*. **Human Rights Watch**, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2024/06/20/ukraine-forced-russified-education-under-occupation>. Acesso em: 12 jul. 2025.

KALENSKY, Jakub; OSADCHUK, Roman. How Ukraine fights Russian disinformation: Beehive vs mammoth. **Hybrid CoE**, Helsinki, Jan. 2024. Disponível em: <https://www.hybridcoe.fi/wp-content/uploads/2024/01/20240124-Hybrid-CoE-Research-Report-11-How-UKR-fights-RUS-disinfo-WEB.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

KAPLAN, Robert D. **The Revenge of Geography**: What the map tell us about coming conflicts and the battle against fate. New York: Random House, 2012.

KEEGAN, John. **A History of Warfare**. New York: Vintage Books, 1994.

KIRBY, Paul. Why 9 May Victory Day is so important for Russia. **BBC**, 6 mai. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-61332283>. Acesso em: 19 jul. 2025.

KOLESNIKOV, Andrei; VOLKOV, Denis. My Country, Right or Wrong: Russian Public Opinion on Ukraine. **Carnegie Endowment for International Peace**, 7 set. 2022. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2022/09/my-country-right-or-wrong-russian-public-opinion-on-ukraine?lang=en>. Acesso em: 18 jul. 2025.

KOTTASOVÁ, Ivana; VLASOVA, Svitlana. Ucrânianos descrevem vida em áreas ocupadas pela Rússia. **CNN**, 13 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ucranianos-descrevem-vida-em-areas-ocupadas-pela-russia/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MACFARQUHAR, Neil. Cobertura da guerra na Rússia mostra realidade alternativa criada pelo Kremlin: Pressão do governo Putin faz meios de comunicação distorcerem notícias sobre invasão da Ucrânia. **The New York Times**, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/cobertura-da-guerra-na-russia-mostra-realidade-alternativa-criada-pelo-kremlin-25425988>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MARTIN, Janet. **Medieval Russia 980–1584**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MONASTYRSKYI, Yevhenii; VSETECKA, John. Russia is destroying monuments as part of war on Ukrainian identity. **Atlantic Council**, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/russia-is-destroying-monuments-as-part-of-war-on-ukrainian-identity/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

NATO. **Joint Force Development Experimentation & Wargaming Branch 2023 Fact Sheet – Multinational Capability Development Campaign**. Norfolk: NATO, 2023. Disponível em: https://www.act.nato.int/wp-content/uploads/2023/05/2023_Fact_Sheet_MCDC.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

NEISSER, Ulric. **Cognitive Psychology**. New York: Psychology Press, 2014.

PANKHURST, Dale. Guerra da Ucrânia: o papel das milícias dos dois lados do conflito. **BBC News Brasil**, 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61093981>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David. The Psychology of Fake News. **Trends in Cognitive Sciences**, n. 2143, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33736957/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

REUTERS. Russian families fall out over clashing views of war in Ukraine. **Reuters**, 8 mar. 2022a. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/russian-families-fall-out-over-clashing-views-war-ukraine-2022-03-08/>. Acesso em 15 jul. 2025.

REUTERS. Russia fights back in information war with jail warning. **Reuters**, 4 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-introduce-jail-terms-spreading-fake-information-about-army-2022-03-04/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ROTH, Luis Carlos C. *et al.* **O Conflito Rússia-Ucrânia 2022/2024: as influências multidimensionais da guerra no mar**. Rio de Janeiro: Letras Marítimas, 2024.

ROZHANOVSKAYA, Nina. Russian Schools in a Time of War: A Lesson in Indoctrination. **Wilson Center**, 15 set. 2023. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/russian-schools-time-war-lesson-indoctrination>. Acesso em: 28 jun. 2025.

RUMELHART, D.E. **Schemata**: the building blocks of cognition. In: R.J. Spiro *et al.* **Theoretical Issues in Reading Comprehension**, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1980.

SANCHES, Mariana. Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia. **BBC News Brasil**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York: Free Press, 1965.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Instinto de Sobrevivência vs. Desespero: Reações Diante do Perigo**. 13 set. 2024. Disponível em: <https://draanabeatriz.com.br/instinto-de-sobrevivencia-vs-desespero-reacoes-diante-do-perigo/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SULLIVAN, Helen. Russia 'systematically' forcing Ukrainians to accept citizenship, US report finds: Ukrainians in occupied territories who refuse Russian passports face threats, intimidation and possible detention or deportation, Yale study says. **The Guardian**, 3 ago. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/aug/03/russia-forcing-ukrainian-passports-us-report>. Acesso em: 13 jun. 2025.

THE ECONOMIST. The Kremlin's propaganda machine is running at full throttle. **The Economist**, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://www.economist.com/europe/2022/02/28/the-kremlins-propaganda-machine-is-running-at-full-throttle>. Acesso em: 15 jul. 2025.

THE GUARDIAN. They don't believe it's real: how war has split Ukrainian-Russian families. **The Guardian**, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/18/ukraine-russia-families-divided-over-war>. Acesso em: 15 jul. 2025.

TRENIN, Dmitri. **Post-Imperium: A Eurasian Story**. Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 2011.

TREYGER, Elina *et al.* The Denazify Lie: Russia's Use of Extremist Narratives Against Ukraine. **RAND Corporation**, Santa Monica, 16 jan. 2025. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR43450-1.html. Acesso em: 17 jun. 2025.

UNITED NATIONS. **Maintenance of peace and security of Ukraine**. New York: United Nations Security Council, 21 jun. 2022a. Disponível em: <https://documents.un.org/doc/undoc/pro/n22/392/35/pdf/n2239235.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

UNITED NATIONS. **A/77/533 Report of the Independent International Commission of Inquiry on Ukraine**. New York: United Nations General Assembly, 18 out. 2022b. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/documents/reports/a77533-independent-international-commission-inquiry-ukraine-note-secretary>. Acesso em: 19 jul. 2025.

U.S. NAVAL INSTITUTE. Frank Hoffman. **U.S. Naval Institute**, Annapolis, c2025. Disponível em: <https://www.usni.org/people/frank-hoffman>. Acesso em: 27 jul. 2025.

VANDENBOS, Gary R. **APA Dictionary of Psychology**. Washington, DC: American Psychological Association, 2015.

WALKER, Nigel. **Conflict in Ukraine: A timeline (current conflict, 2022-present)**. Londres: The Commons Library, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/CBP-9847/CBP-9847.pdf>. Acesso em 24 jun. 2025.

WOLTERS, Heather *et al.* **The Psychology of (Dis)information: A Primer on Key Psychological Mechanisms.** [S. l.]: CNA, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Scaling-up mental health and psychosocial services in war-affected regions:** best practices from Ukraine. 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/scaling-up-mental-health-and-psychosocial-services-in-war-affected-regions--best-practices-from-ukraine>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ZENO, Leoni *et al.* War in Ukraine: One Year On. **King's College London**, London, fev. 2023. Disponível em: <https://www.kcl.ac.uk/warstudies/assets/war-in-ukraine-one-year-on.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.